



**O perfil criminal do homicida português:  
caracterização psicossocial**

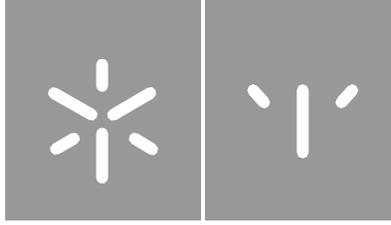
Joana Veloso Oliveira

Escola de Psicologia

**Universidade do Minho**







Universidade do Minho

Escola de Psicologia

Joana Veloso Oliveira

**O perfil criminal do homicida português:  
caracterização psicossocial**

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Psicologia da Justiça

Trabalho realizado sob a orientação de

**Professor Doutor Rui Abrunhosa Gonçalves**

**Professora Doutora Sónia Caridade**

junho de 2023

## **DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS**

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



**Atribuição-NãoComercial-SemDerivações**  
**CC BY-NC-ND**

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

### **Agradecimentos**

A conclusão desta dissertação não teria sido possível sem o apoio e contribuição de várias pessoas, às quais gostaria de expressar a minha sincera gratidão.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao meu orientador, Professor Rui Abrunhosa Gonçalves, por toda a ajuda a desenvolver este projeto, que não se tornaria eficiente sem o seu grande e nobre conhecimento nesta área.

À minha orientadora, Professora Sónia Caridade, pela incansável ajuda, conhecimento e disponibilidade ao longo deste ano. A sua dedicação, experiência e capacidade de incentivo foram fundamentais para o desenvolvimento desta tese.

Aos meus pais, à minha irmã e ao meu namorado, agradeço o acompanhamento e suporte emocional nestes cinco anos de formação académica. Serei eternamente grata pela vossa confiança e orgulho que demonstram nas minhas conquistas.

Aos amigos e colegas que fiz nesta caminhada, pelo companheirismo, paciência e histórias que temos para contar.

## **DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE**

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Joana Veloso Oliveira

*joana veloso oliveira*

## **O perfil criminal do homicida português: caracterização psicossocial**

### **Resumo**

O homicídio é um dos crimes de maior gravidade, tanto para as vítimas como para a sociedade. A compreensão deste fenómeno requer a consideração da heterogeneidade dos perpetradores, influenciados pelas suas características individuais e pelas circunstâncias adversas das suas vidas. O objetivo deste estudo é analisar os fatores subjacentes ao homicídio em Portugal e desenvolver perfis criminais que contribuam para a construção de uma imagem psicossocial do perpetrador. A amostra consistiu em 51 indivíduos condenados por homicídio em Portugal, com idades compreendidas entre 21 e 83 anos ( $M = 49.73$ ,  $DP = 14.07$ ). Os resultados revelaram que os homicidas portugueses iniciam a sua carreira criminal na idade adulta, sendo os conflitos a sua principal motivação. Foi observada a prevalência de experiências adversas na infância e níveis de escolaridade baixos, enquanto a presença de patologias mentais não se mostrou predominante. Utilizando análises de correspondência múltipla e análises de clusters, foram elaborados quatro perfis distintos: "ganancioso", "passional", "psicopata" e "instrumental". O estudo dos fatores de risco e a elaboração de perfis criminais dos homicidas desempenham um papel fundamental na fundamentação de políticas de prevenção e intervenção neste contexto.

Palavras-chave: perfil criminal; perpetradores de homicídio; fatores adjacentes; homicídio em Portugal.

## **Portuguese homicide perpetrator's profiling: psychosocial characterization**

### **Abstract**

Homicide is one of the most severe crimes, both for the victims and for society. Understanding this phenomenon requires considering the heterogeneity of perpetrators, who are influenced by their individual characteristics and adverse life circumstances. The aim of this study is to analyze the underlying factors of homicide in Portugal and develop criminal profiles that contribute to the construction of a psychosocial image of the perpetrator. The sample consisted of 51 individuals convicted of homicide in Portugal, ranging in age from 21 to 83 years ( $M=49.73$ ,  $SD=14.07$ ). The results revealed that Portuguese homicide perpetrators begin their criminal career in adulthood, with arguments/altercations being their main motivation. There were prevalences of adverse childhood experiences and low levels of education, while the presence of mental pathologies was not predominant. Using multiple correspondence analysis and cluster analysis, four distinct profiles were identified: "greedy," "passionate," "psychopath," and "instrumental". The study of risk factors and the development of criminal profiles for homicide perpetrators play a fundamental role in informing prevention and intervention policies in this context.

Keywords: criminal profile; homicide perpetrators; associated factors; homicide in Portugal.

## Índice

Enquadramento teórico .....	9
Perfil criminal: Técnica de investigação criminal .....	10
Fatores associados ao homicídio.....	13
<i>Fatores genéticos e fisiológicos</i> .....	13
<i>Fatores desenvolvimentais</i> .....	13
<i>Fatores psicopatológicos</i> .....	14
<i>Fatores socioeconómicos</i> .....	15
Método.....	16
Participantes .....	16
Instrumentos/medidas .....	17
Procedimento .....	18
Análise de dados .....	18
Resultados.....	19
Discussão.....	24
Referências .....	30

## Índice de tabelas

Tabela 1: Caracterização sociodemográfica dos participantes.....	17
Tabela 2: Caracterização do percurso de vida e criminal do homicida.....	19
Tabela 3: Distribuição por cluster.....	23
Tabela 4: Perfis dos homicidas portugueses.....	24

## Índice de gráficos

Gráfico 1: Gráfico de conjunto de pontos de categoria .....	22
Gráfico 2: Disposição dos indivíduos de acordo com o seu perfil.....	23

### **Lista de abreviaturas**

**SRP-SF** - *Short Version of the Self-Report Psychopathy Scale*

**ACE** - Versão reduzida do Questionário de História na Infância

**EP**- Estabelecimento Prisional

**SIP** - Sistema de Informação Prisional

**ACM** - Análise de Correspondência Múltipla

**AC** - Análise de Clusters

### **Enquadramento teórico**

O homicídio constitui o extremo da violência física, um crime contra a humanidade e um ataque impiedoso à consciência coletiva, sendo considerado o crime mais grave (Botelho & Gonçalves, 2016) e, em função disso, uma das transgressões mais puníveis, em virtude de apresentar as consequências mais sérias para as vítimas, os seus familiares e toda a sociedade (Alavijeh et al., 2015).

Pese embora este crime registe uma diminuição gradual ao longo do tempo a nível Europeu (Roser & Ritchie, 2013), incluindo Portugal (Sistema de Segurança Interna [SSI], 2022), existem países no mundo onde a taxa de homicídio ainda é muito elevada, e de que são exemplo El Salvador, Honduras e Venezuela (United Nations Office on Drugs and Crime [UNDOC], 2020).

O conceito de homicídio não tem alcançado consenso entre os investigadores, algo igualmente verificado no que à definição legal concerne em diferentes países. Embora Roberts et al. (2007) definam o homicídio como o assassinato intencional, não intencional ou acidental de outra pessoa, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020) caracteriza este crime como um ato em que existe intenção de ferir ou matar. Os diferentes níveis de motivação, envolvimento e responsabilidade da parte do homicida, resultam na distinção entre o homicídio com conduta dolosa e homicídio com conduta culposa onde “age com dolo quem, representando um facto que preenche um tipo de crime, atuar com intenção de o realizar” (Artigo 14º, CPP).

Em Portugal, segundo o Código Penal Português, o homicídio é o ato em que uma pessoa mata outra, previsto no capítulo de crimes contra a vida, seguido de tipificações com condições que presumem maior ou menor intencionalidade por parte do perpetrador. Depois do homicídio (geralmente designado por homicídio simples), pode ler-se no Código Penal: i) o homicídio qualificado, cometido em circunstâncias que revelem especial censurabilidade ou perversidade; ii) o homicídio privilegiado, praticado sobre o domínio de emoção violenta compreensível ou motivo de valor social ou moral e que diminuam a culpa; iii) homicídio a pedido da vítima; iv) incitamento ou ajuda ao suicídio; v) infanticídio; vi) homicídio por negligência.

Apesar das mortes por acidente ou negligência também fazerem parte da definição de homicídio, na presente investigação focar-nos-emos nos homicídios praticados com conduta dolosa.

O homicídio, enquanto crime violento, é julgado pelo ato de matar e pelos seus agravantes. Esta transgressão, no entanto, não pode ser considerada apenas pela agressão na sua forma isolada, mas sim envolver também os fatores adjacentes que o tornam um crime complexo (Pecino-Latorre et al., 2019; Valente, 2015) uma vez que implica um local físico, interações e ações entre os indivíduos e os elementos situacionais envolventes (Ganpat et al., 2017; Pizarro et al., 2019). Embora existiam fatores

O perfil criminal do homicida português: caracterização psicossocial

comuns entre os perpetradores, subsiste uma heterogeneidade nas características do homicídio e dos homicidas (Međedović & Vujičić, 2022), uma vez que as suas motivações criminais não são lineares, podendo estes indivíduos ser influenciados tanto pelos seus traços individuais (Botelho & Gonçalves, 2016; Glenn & Raine, 2014), como pelas circunstâncias adversas que fazem parte da sua história de vida (Coccia, 2018; Furqan & Mahmood, 2020; Goh et al., 2021). Todos estes fatores são, assim, importantes para compreender o comportamento criminal dos homicidas.

### **Perfil criminal: Técnica de investigação criminal**

Estabelecer um perfil criminal, ou *profiling*, tem como objetivo direcionar as investigações, ligando os casos criminais com características semelhantes a fim de criar hipóteses sobre os indivíduos que cometem o crime (Fox & Farrington, 2018). Os perfis criminais são baseados tanto na cena do crime, como nos conhecimentos atuais dos perpetradores do mesmo grupo, sendo uma técnica de investigação importante que nos permite construir uma imagem psicossocial do indivíduo (Pereira & Felipe, 2022; Sousa, 2022), com o propósito de compreender o seu comportamento criminal, bem como as suas motivações (de Sá & Freire, 2021).

Existem duas abordagens relativamente ao estudo dos perfis criminais, sendo elas a abordagem ideográfica- ou dedutiva, e a abordagem nomotética- ou indutiva. A perspetiva ideográfica foca-se no estudo do concreto, em casos específicos onde o perpetrador é desconhecido e se analisam tanto as suas características, como as da vítima, e a cena do crime. Tem como objetivo apurar as características de indivíduos responsáveis por crimes representativos (Petherick & Turvey, 2012). Relativamente à abordagem nomotética, esta centra-se na análise de grupos de perpetradores, sendo um estudo do abstrato e de leis universais, onde se analisam as probabilidades. Neste tipo de perspetiva faz-se uso da observação de casos isolados, com o objetivo de encontrar um padrão relativamente a casos idênticos, sendo extremamente úteis aquando da categorização de características de grupos de perpetradores e para criar tipologias (Petherick & Turvey, 2012). O presente estudo elaborou o perfil dos homicidas portugueses, baseado na abordagem nomotética.

A fim de explicar o comportamento criminal e antissocial, foram criadas tipologias responsáveis pelo estudo da natureza de determinadas características de indivíduos que cometem crimes, permitindo estabelecer inferências sobre as principais características da personalidade e as motivações dos homicidas (Roberts et al., 2007).

Desenvolvida por Douglas et al. (1986), a tipologia usada para classificar os homicidas em virtude do seu nível de sofisticação e planeamento do crime (Petherick & Turvey, 2012), baseia-se na análise da cena do mesmo, categorizando os homicídios em desorganizados e organizados. Os primeiros são crimes

espontâneos, com vítimas conhecidas do perpetrador que são violentamente agredidas depois do crime, com possível ocorrência de atos sexuais (Petherick & Turvey, 2012). A cena do crime revela-se desorganizada, onde permanecem o cadáver, a arma utilizada, bem como outras evidências forenses (Mjanes et al., 2017). Os perpetradores do homicídio tendem a não possuir competências sociais, família estável e níveis escolares altos, em consequência de um provável abandono escolar e de apresentarem níveis de inteligência inferiores (Mjanes et al., 2017; Petherick & Turvey, 2012; Roberts et al., 2007). No que concerne aos homicídios organizados, estes são crimes planeados, que refletem o controlo do perpetrador (Petherick & Turvey, 2012). A vítima é um alvo desconhecido, escolhido em função das suas características, sendo desenvolvida uma relação mais pessoal com a mesma. As agressões ocorrem antes do crime e, ainda que haja a ocultação do cadáver e da arma, os indivíduos são prováveis de retirar algum objeto da vítima, usando-o como lembrança (Mjanes et al., 2017). Este tipo de homicídio tem sido associado a indivíduos com traços de personalidade psicopatas, boas competências sociais que são úteis para manipular a vítima, educados, sexualmente promíscuos e com um coeficiente de inteligência elevado (Mjanes et al., 2017; Petherick & Turvey, 2012; Roberts et al., 2007).

Moffitt (2001), por sua vez, definiu uma tipologia caracterizando os perpetradores em quatro categorias: i) delinquentes ao longo da vida, que começam a carreira criminal na infância e prolongam-na durante a idade adulta; ii) delinquentes limitados à adolescência, caracterizados por iniciarem a atividade criminal no início da adolescência, com tendência a que a sua atividade criminal decresça com o passar dos anos; iii) delinquentes limitados à idade adulta, que são objeto de condenações apenas mais tarde na vida; iv) delinquentes descontínuos, adultos que se envolvem em comportamentos antissociais seguindo um padrão. Os indivíduos que cometem homicídios tendem a fazer parte da primeira categoria (Botelho & Gonçalves, 2016; Moffitt, 2001), indicando que os homicidas começam a carreira criminal precocemente, influenciados por fatores desenvolvimentais nocivos.

Os homicídios podem também ser divididos de duas formas, de acordo com o objetivo do comportamento do perpetrador: homicídios expressivos e homicídios instrumentais (Block & Block, 1991; Block & Zimring, 1973). Os homicídios expressivos são motivados pela raiva, vingança ou frustração como uma forma de libertação emocional, devido a um possível confronto entre o agente e a vítima (Salfati, 2000). Uma vez que o ato de matar não terá sido planeado, é mais provável que a arma utilizada seja um objeto presente no local do crime, como por exemplo uma faca ou um martelo (Soria et al., 2016). O perpetrador age com o objetivo de magoar a vítima, fazendo uso de violência extrema, ferindo múltiplamente, asfixiando ou até mesmo desmembrando-a (Roberts et al., 2007). Podem ser incluídos nos homicídios expressivos o ato de matar companheiros, ex-companheiros ou pessoas da

mesma família, abusados previamente pelo mesmo indivíduo (Salfati, 2000). Em contrapartida, os homicídios instrumentais estão ligados à violência como meio para atingir um fim (Salfati, 2000) e tendem a acontecer na sequência de outro crime, geralmente roubo e furto, onde existe o maior uso de armas de fogo (Meneses-Reyes & Quintana-Navarrete, 2021). O objetivo primário do homicida não é magoar a vítima, a não ser que esta interfira no seu objetivo, que envolve ganhos pessoais, sejam eles monetários ou sexuais (Roberts et al., 2007). Quando o ato de matar decorre, o perpetrador pode não estar preparado para o confronto, usando também armas existentes no local (Salfati, 2000).

Considerando a relação homicida-vítima, identifica-se o homicídio familiar e o homicídio conjugal. No primeiro, o homicídio envolve pelo menos dois elementos da família e incluem-se nesta categoria: i) o parricídio, em que a vítima é um dos progenitores; ii) o fratricídio, que é o assassinato de um irmão pelo outro e iii) o filicídio, em que os homicidas são os pais da vítima. Nos casos de homicídio familiar, o crime está geralmente associado à presença de doença mental (Bourget et al., 2017) e distúrbios da personalidade (Tomas et al., 2021). No que diz respeito ao homicídio conjugal, quando é perpetrado por uma mulher, o crime poderá constituir uma resposta ao medo, recorrendo a este ato, que elas percecionam como sendo de autodefesa, para terminar um relacionamento abusivo (Caman et al., 2017; Kim et al., 2018; Suonpää & Savolainen, 2019). Contrariamente, quando o perpetrador é um homem, o crime tem sido associado ao sentimento de propriedade (Enander et al., 2021), controlo (Spencer & Stith, 2020), medo de separação (Carlsson et al., 2021; Enander et al., 2021) ou ciúme (Caman et al., 2016; Carlsson et al., 2021; Sabri et al., 2018; Spencer & Stith, 2020), usualmente ligados aos homicídios passionais (Buss, 2018) que, de acordo com Toprak e Ersoy (2017), são a maior causa dos homicídios nas relações de intimidade. Em Portugal, verificou-se uma subida acentuada neste tipo de homicídios no ano de 2018, tendo posteriormente vindo a decrescer, continuando, não obstante, a perdurar (SSI, 2022).

Por fim, no que aos homicídios sexuais se refere, estes têm sido crimes associados à vontade do perpetrador para ter relações sexuais, existindo, não raras vezes, premeditação parcial da ação, uma vez que a violência sexual tende a ser premeditada, o que não se verifica no ato de matar (Healey & Beauregard, 2017; James et al., 2020; Karakasi et al., 2017). Para fazer a distinção das motivações deste grupo de perpetradores, a literatura (e.g., Beauregard & Proulx, 2002; Page et al., 2022; Stefanska et al., 2015; Stefanska et al., 2017), discriminou três tipos de homicidas sexuais sendo eles: i) homicida sexual sádico, movido pela excitação sexual e fantasias sádicas que o ato de matar, por si só, representa; ii) homicida sexual com raiva, despoletado por alguma atitude da vítima que resultou num ataque violento com espontaneidade e iii) homicida motivado sexualmente, cujo objetivo principal foi a agressão sexual,

tendo sido o homicídio perpetrado para silenciar a vítima e evitar a detenção.

### **Fatores associados ao homicídio**

A comunidade científica tem procurado encontrar explicações para o comportamento dos homicidas, dado que não é possível compreender este crime sem perceber o que está por trás dele e de quem o perpetra. Em função disso, são estudados os diversos fatores associados ao homicídio com o intuito de, não só compreendê-los, como também serem usados como forma de identificar os fatores de risco, ajudando na identificação de possíveis perpetradores e na prevenção deste crime.

#### *Fatores genéticos e fisiológicos*

É necessário ter uma visão ampla quando se fala de fatores fisiológicos, uma vez que os traços e os comportamentos de um indivíduo são o resultado da interação entre os genes e o ambiente envolvente (Azeredo et al., 2019; Sasaki & Kim, 2017).

A Monoamina Oxidase, MAOA, é uma enzima que degrada os neurotransmissores de monoamina. Níveis diminuídos de atividade de MAOA estão associados à expressão do comportamento agressivo e impulsivo (Zampatti et al., 2021). A sua presença, impulsionada pela negligência familiar vivida na infância, representa um fator de risco para o comportamento criminal (Kolla & Bortolato, 2020; Ouellet-Morin et al., 2016).

De igual modo, mutações no gene HTR2B, recetor de serotonina e responsável pelo controlo de impulsos, foram associadas ao cometimento de crimes espontâneos, nomeadamente o homicídio, (Bevilacqua et al., 2010), e ao comportamento agressivo (Montalvo-Ortiz et al., 2018). No entanto, presença desta mutação, por si só, não é capaz de prever o comportamento criminal (Bevilacqua et al., 2010).

Os efeitos genéticos têm, portanto, capacidade preditiva de comportamentos antissociais, apenas quando associados a fatores não genéticos (Newsome & Cullen, 2017), uma vez que não é a presença do gene em si que determina a conduta de um indivíduo, mas sim a expressão do gene, ou seja, a sua atividade (Meaney, 2001; Newsome & Cullen, 2017).

Existem evidências na literatura (e.g., Durand et al., 2017; Williams et al., 2018) que apontam para os danos cerebrais como um fator de risco para a manifestação de comportamentos antissociais e violentos. Alterações estruturais e funcionais em áreas do cérebro, nomeadamente no córtex pré-frontal, córtex cingulado anterior, córtex pré-frontal dorsolateral, lóbulos temporais e sistema límbico, têm sido associadas a crimes violentos (Botelho & Gonçalves, 2016).

#### *Fatores desenvolvimentais*

Analisar o período desenvolvimental do indivíduo enquanto criança é igualmente crucial quando se estudam os fatores associados ao homicídio, uma vez que existem evidências de que a exposição a

experiências adversas na infância está associada ao cometimento de crimes (Basto-Pereira et al., 2016), particularmente ao homicídio (Goh et al., 2021). O stress traumático, como o abuso sexual, tem sido identificado como um fator de risco para a persistência no crime, existindo uma associação entre ter sido vítima de abuso sexual e a probabilidade de cometer um crime violento (Kozak et al., 2018; Papalia et al., 2018a; 2018b). Esta experiência adversa na infância, no entanto, pode estar associada negativamente ao homicídio (Bonner et al., 2020).

Não obstante, num estudo de Zhang e Zheng (2018), 68.3% dos participantes relataram ter sofrido negligência física, indicando que este é, igualmente, um fator de risco para este crime. O abuso físico na infância representa uma problemática de interesse na investigação, uma vez que os homicidas relatam ter histórias passadas de abuso físico severo (Goh et al., 2021; Lewis et al., 1985; Marono et al., 2020).

O papel da família no processo desenvolvimental dos indivíduos tem sido objeto de investigação considerável (Botelho & Gonçalves, 2016). Vários autores concluem que os homicidas são mais prováveis de terem sofrido algum tipo de maus-tratos na infância (Debowska et al., 2018; Su et al., 2018), uma vez que existe prevalência de historial de abuso físico (Debowska et al., 2018; Fox et al., 2015; Miley et al., 2020) e abuso emocional (Bonner et al., 2020; Debowska et al., 2018) em crimes violentos.

#### *Fatores psicopatológicos*

A literatura é concordante relativamente à existência de uma associação entre esquizofrenia e homicídio (Fazel et al., 2009; Flynn et al., 2021). Os indivíduos na fase inicial da perturbação podem ser mais prováveis de cometer crimes violentos devido à sintomatologia, alucinações e delírios, que os fazem acreditar que estão em perigo (Sonnweber et al., 2022; Stratton et al., 2017). Não obstante, grande parte do risco de violência que advém de indivíduos com esquizofrenia está relacionado às suas comorbilidades (Baird et al., 2020) e à sua vulnerabilidade perante fatores que podem ser associados ao homicídio (Golenkov et al., 2022).

Ainda que não se conheça uma ligação totalmente direta entre as perturbações do uso de substâncias (álcool e drogas) e o homicídio, é inegável que o consumo excessivo de substâncias psicoativas está presente em indivíduos que cometem crimes violentos (Eriksson et al., 2021; Eriksson et al., 2022; Håkansson & Jesionowska, 2018). No seu estudo, Miles (2012) indicou que em homicídios motivados pelo abuso de substâncias, o estilo de vida problemático dos perpetradores, caracterizado por adversidades sociais e económicas, aumenta a probabilidade de este se envolver em conflitos violentos, que impulsionados pelo efeito de drogas psicoativas pode culminar num homicídio. Não obstante, o crime é muitas vezes cometido como forma de manter o consumo (Eriksson et al., 2021). O uso

problemático de álcool é geralmente associado a experiências desenvolvimentais adversas, dificuldades financeiras, altos níveis de raiva e impulsividade e histórias criminais prévias (Eriksson et al., 2021), indicando que o consumo precoce de álcool possa ser também um fator significativo na conduta agressiva dos perpetradores (Kuhns et a., 2014).

A psicopatia é uma perturbação da personalidade que está fortemente associada ao homicídio, caracterizando-se como um dos fatores de risco mais importantes para a ocorrência deste crime (Fox & DeLisi, 2019). Os indivíduos com esta perturbação tendem a ser impulsivos, experienciar riscos em função da sua necessidade de estimulação e a demonstrar elevada frieza emocional, o que leva a que sejam naturalmente pouco empáticos e que façam uso das outras pessoas, manipulando-as (Pechorro et al., 2017). A sua motivação para agir é unicamente concretizar os seus objetivos, adotando atitudes agressivas e violentas (Petry & Sehnem, 2018). Apesar de relativamente baixa na população geral, a percentagem de psicopatia na população reclusa ronda entre os 15% e os 20% no caso dos homens (Hare, 1996; Sanz-García et al., 2021), sendo que, ainda assim, há mais incidência de psicopatia nos indivíduos responsáveis por cometer homicídios (Fox & DeLisi, 2019).

#### *Fatores socioeconómicos*

Segundo Merton (1949), a incapacidade de atingir objetivos culturalmente estabelecidos, devido à distribuição desigual dos recursos, cria tensão social que acaba por gerar condutas desviantes. Os indivíduos mais desfavorecidos apresentam estruturas sociais que os impedem de alcançar as metas normativas da sociedade. Apesar disso, continuam a valorizá-las, percebendo um sentido de injustiça que os leva a adotar comportamentos de carácter criminoso. Estudos posteriores (e.g., Coccia, 2017, 2018; Rowhani-Rahbar et al., 2019) confirmaram esta descoberta, revelando que as taxas de homicídio tendem a estar positivamente associadas aos níveis de desigualdade.

Não obstante, Rogers e Pridemore (2013) afirmam que poderá existir uma correlação entre pobreza e este crime, atribuindo uma possível causa desta associação à desorganização social, uma vez que países com níveis mais altos de pobreza possuem um maior número de cidades socialmente desorganizadas. Santos et al. (2018), por sua vez, concluíram que a pobreza se relacionava com a prática de homicídio apenas em países em que a taxa deste crime era bastante baixa.

No que concerne aos níveis de escolaridade, Lochner (2020) defendeu que a educação tem o potencial de diminuir quase todo o tipo de crimes, exceto os de colarinho branco. A educação funcionará como um fator de proteção para o homicídio (Wanzinack et al., 2018), dado que existe uma associação negativa entre o homicídio e os níveis de educação (Furqan & Mahmood, 2020). O indivíduo poderá ser exposto à violência possivelmente por se encontrar num nível socioeconómico inferior, que tem como

raiz o baixo grau de escolaridade (Wanzinack et al., 2018).

O homicídio acaba por refletir os problemas socioeconómicos existentes na sociedade. Em função disso, verificam-se as maiores taxas de homicídio nos países menos desenvolvidos e onde se encontram mais desigualdades sociais (Tavares et al., 2016).

Desta forma, o objetivo geral deste estudo é analisar os fatores subjacentes ao homicídio em Portugal, tendo como objetivos específicos analisar: (i) o início da carreira criminal; (ii) as motivações criminais dos homicidas; (iii) as suas experiências adversas da infância; (iv) a existência de patologias mentais; (v) os fatores socioeconómicos associados. Ademais, neste estudo pretende-se (vi) definir perfis criminais.

Após a elaboração dos objetivos acima enunciados, e tendo em conta a revisão da literatura, definiram-se as seguintes hipóteses de investigação: (i) a carreira criminal dos homicidas começa precocemente; (ii) a principal motivação criminal dos homicidas portugueses é passional; (iii) a maior parte dos homicidas viveu experiências adversas na infância; (iv) existência acentuada de patologias mentais; (v) os homicidas portugueses têm baixos níveis de escolaridade.

## **Método**

### **Participantes**

A amostra é composta por 51 indivíduos masculinos, reclusos nos estabelecimentos prisionais do norte de Portugal, condenados pelo crime de homicídio e homicídio qualificado. Todos os participantes foram capazes de reconhecer o seu envolvimento no crime. No que concerne à nacionalidade, a maioria dos participantes é de nacionalidade portuguesa (98%), sendo que o restante tem nacionalidade cabo-verdiana (2%). A maior parte dos indivíduos, 60.8%, apresenta um estatuto socioeconómico baixo e os restantes, 39.3%, encontram-se num nível médio. A idade dos indivíduos está entre os 21 e os 83 anos, com uma média de idades de 49.73 anos (SD=14.07). Relativamente a antecedentes criminais, 62.7% dos participantes não tem qualquer tipo de processo judicial prévio, ao contrário de 37.3%, que apresenta averbamentos no registo criminal, sendo que apenas 27.5% dos participantes é reincidente em pena de prisão. A idade média do cometimento do crime de homicídio ou homicídio qualificado verifica-se aos 40.06 anos (SD= 14.37) e pena de prisão varia entre 9 e 25 anos, sendo a média de 17.10 anos (SD=4.08) (Cf. Tabela 1).

**Tabela 1**

Caracterização sociodemográfica dos participantes

	<b>N (%)</b>
<b>Nacionalidade</b>	
Portuguesa	50 (98.0%)
Cabo-verdiana	1 (2.0%)
<b>Estatuto socioeconómico</b>	
Baixo	31 (60.8%)
Médio	20 (39.2%)
<b>Antecedentes</b>	
Não	32 (62.7%)
Sim	19 (37.3%)
<b>Reincidência</b>	
Não	37 (72.5%)
Sim	14 (27.5%)

### **Instrumentos/medidas**

*Questionário sociodemográfico.* Foi desenvolvido com o propósito de recolher informações acerca de variáveis como a nacionalidade, estatuto socioeconómico, idade, antecedentes criminais, reincidência, idade do cometimento do crime e pena de prisão.

*Psicopatia.* Medida através do instrumento *Short Version of the Self-Report Psychopathy Scale* (SRP-SF; Seara-Cardoso et al., 2019). O SRP-SF é um instrumento composto por 29 itens que permite aferir a existência de psicopatia em indivíduos. Trata-se de um instrumento de resposta tipo *likert* de cinco pontos, que vai desde (1) discordo fortemente a (5) concordo fortemente. Foi utilizada a versão traduzida para a língua portuguesa por Seara-Cardoso et al. (2019) que apresenta um *alfa* de .87. No presente estudo, o *alfa* foi de .77.

*Experiências adversas na infância.* Recorreu-se ao instrumento *Versão reduzida do Questionário de História na Infância* (ACE; Silva & Maia, 2008). O ACE é um questionário de autorrelato para adultos, com o objetivo de avaliar a presença de experiências adversas na infância. Este questionário é composto por 17 itens que se agrupam em dez experiências adversas na infância: i) abuso emocional; ii) abuso físico; iii) abuso sexual; iv) negligência emocional; v) negligência física; vi) divórcio ou separação parental; vii) exposição a violência doméstica; viii) abuso de substâncias no ambiente familiar; ix) doença mental ou suicídio; x) prisão de um membro da família. Neste estudo, a consistência interna foi de .79.

*Grelha de recolha de dados processuais.* Desenvolvida tendo em conta os objetivos estipulados e procurando contemplar todas as informações necessárias acerca das variáveis de interesse para este

estudo passíveis de ser recolhidas através dos processos.

### **Procedimento**

Primeiramente procedeu-se ao pedido de autorização à Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais a fim de recolher a amostra nos Estabelecimentos Prisionais (EP) da zona norte de Portugal. De seguida, foi construída a grelha de recolha de dados processuais, com base na literatura existente e foi realizado um pedido de autorização para a utilização dos questionários SRP-SF (Seara-Cardoso et al., 2019) e ACE (Silva & Maia, 2008), aos respetivos autores. Foi enviado o protocolo de investigação para a comissão de ética da Universidade do Minho e, após a sua apreciação, foi iniciada a recolha de dados. A recolha foi realizada em dois Estabelecimentos Prisionais da zona norte de Portugal. Através da plataforma SIP (Sistema de Informação Prisional), em cada EP, foi feita uma listagem de todos os indivíduos condenados pelo crime de homicídio e homicídio qualificado. Depois de divulgado o estudo perante estes reclusos, e ser manifestado o seu interesse na participação, foi apresentado o consentimento informado a cada um deles, onde os objetivos do estudo, bem como os termos de confidencialidade e anonimato estavam especificados. Numa primeira etapa da recolha, os reclusos preencheram os questionários SRP-SF (Seara-Cardoso et al., 2019) e ACE (Silva & Maia, 2008) e na segunda etapa apenas foram analisados os processos jurídico-penais daqueles cujo questionário tinha sido preenchido, de forma a integrar toda a informação na base de dados.

### **Análise de dados**

A análise de dados foi realizada a partir do software IBM SPSS, versão 28.0 (IBM SPSS, 2021). Foram feitas análises descritivas (objetivos i, ii, iii, iv e v) e uma análise de correspondência múltipla (ACM), articulada com análises de clusters, a fim de serem elaborados perfis psicossociais dos participantes (objetivo vi).

A ACM produz um mapa de correspondência que ilustra visualmente a forma como as múltiplas variáveis se relacionam (Goodwill et al., 2014). A aplicação desta técnica possibilita ao investigador definir diferentes grupos, através da identificação de associações entre categorias, uma vez que existem indivíduos que partilham as mesmas características (Cabrita, 2012). A análise de clusters (AC) é utilizada para classificar os casos em grupos (Goodwill et al., 2014), podendo saber o peso de cada um deles na amostra (Cabrita, 2012). A articulação destes dois métodos pode resultar num aperfeiçoamento dos resultados da análise, dado que se parte da configuração topológica (ACM), para a definição de perfis (Carvalho, 2017).

## Resultados

### Caracterização do percurso de vida e criminal dos homicidas

O percurso criminal dos homicidas portugueses começa, em média, aos 36.55 anos (SD=15.35), não se verificando a reincidência no crime de homicídio ou homicídio qualificado. No que concerne à motivação dos perpetradores, 37.3% homicídios foram despoletados por um conflito, 27.5% foram passionais, 17.6% cometidos por vingança e 17.6% aconteceram na sequência de um roubo (Cf. Tabela 2).

Através do ACE (Silva & Maia, 2008) foi possível verificar que 70.6% já vivenciou alguma experiência adversa na infância. Da amostra, 52.9% já foi vítima de abuso físico, 45.1% de abuso emocional, 41.2% esteve exposto a abuso de substâncias no ambiente familiar, 37.3% exposto a situações de violência doméstica e 35.3% sofreu de negligência emocional (Cf. Tabela 2).

Apesar de 39.2% dos indivíduos não apresentar qualquer patologia mental até à data do crime e não ter sido possível obter nenhuma conclusão acerca de 31.4% dos casos, verificou-se a existência de intoxicação pelo álcool (15.7%), perturbação depressiva (7.8%) e perturbação da personalidade (5.9%). Através do instrumento SRP-SF (Seara-Cardoso et al., 2019), foi possível aferir a presença de traços psicopáticos em 19.6% da amostra (Cf. Tabela 2).

No que se refere às habilitações literárias, 29.4 % tem o 1º ciclo; 33.3% tem o 2º ciclo e 25.5% tem o 3º ciclo (Cf. Tabela 2).

### Tabela 2

Caracterização do percurso de vida e criminal do homicida

	N (%)
<b>Motivação do homicida</b>	
Passional	14 (27.5%)
Roubo	9 (17.6%)
Conflito	19 (37.3%)
Vingança	9 (17.6%)
<b>Experiências adversas na infância</b>	
Não	15 (29.4%)
Sim	36 (70.6%)
<b>Abuso emocional</b>	
Não	28 (54.9%)
Sim	23 (45.1%)

<b>Abuso físico</b>	
Não	24 (47.1%)
Sim	27 (52.9%)
<b>Abuso sexual</b>	
Não	39 (76.5%)
Sim	12 (23.5%)
<b>Negligência emocional</b>	
Não	33 (64.7%)
Sim	18 (35.3%)
<b>Negligência física</b>	
Não	36 (70.6%)
Sim	15 (29.4%)
<b>Divórcio ou separação parental</b>	
Não	37 (72.5%)
Sim	14 (27.5%)
<b>Exposição a violência doméstica</b>	
Não	32 (62.7%)
Sim	19 (37.3%)
<b>Doença mental ou suicídio</b>	
Não	38 (74.5%)
Sim	13 (25.5%)
<b>Prisão de um membro da família</b>	
Não	39 (76.5%)
Sim	12 (23.5%)
<b>Abuso de substâncias no ambiente familiar</b>	
Não	30 (58.8%)
Sim	21 (41.2%)
<b>Patologia mental</b>	
Estado tóxico	8 (15.7%)
Perturbação depressiva	4 (7.8%)
Perturbação da personalidade	3 (5.9%)
Sem patologia	20 (39.2%)
<i>Missing</i>	16 (31.4%)
<b>Presença de psicopatia</b>	
Não	41 (80.4%)
Sim	10 (19.6%)
<b>Habilitações literárias</b>	
1º ciclo incompleto	1 (2.0%)

1º ciclo	15 (29.4%)
2º ciclo	17 (33.3%)
3º ciclo	13 (25.5%)
Ensino Secundário	3 (5.9%)
Ensino Superior	2 (3.9%)

---

Os resultados obtidos sugerem que 35.3% da amostra tem historial de consumo de álcool, sendo a taxa do abuso de drogas de 29.4% (Cf. Tabela 1, anexo a). Apenas 29.4% já frequentou alguma consulta de psicologia e 27.5% tomava medicação (Cf. Tabela 2, anexo a).

Foi possível verificar que a família de origem do perpetrador era disfuncional em 52.9% da amostra, sendo que os problemas familiares mais comuns incidem em ter um dos pais falecidos (17.6%) ou ausentes (11.8%) e acentuada presença de severidade parental (9.8%) (Cf. Tabela 3, anexo a).

No que concerne às características mais manifestadas, foi possível identificar agressividade elevada (17.6%), instabilidade emocional (13.7%) e possessividade (13.7%) (Cf. Tabela 4, anexo a). Não obstante, 62.7% tinha uma imagem positiva no seu meio social (Cf. Tabela 5, anexo a).

Relativamente ao crime, 56.9% dos homicidas premeditou o homicídio, enquanto 43.1% agiu de maneira impulsiva. As armas mais utilizadas foram armas de fogo (41.2%) e armas brancas (29.4%) (Cf. Tabela 6, anexo a).

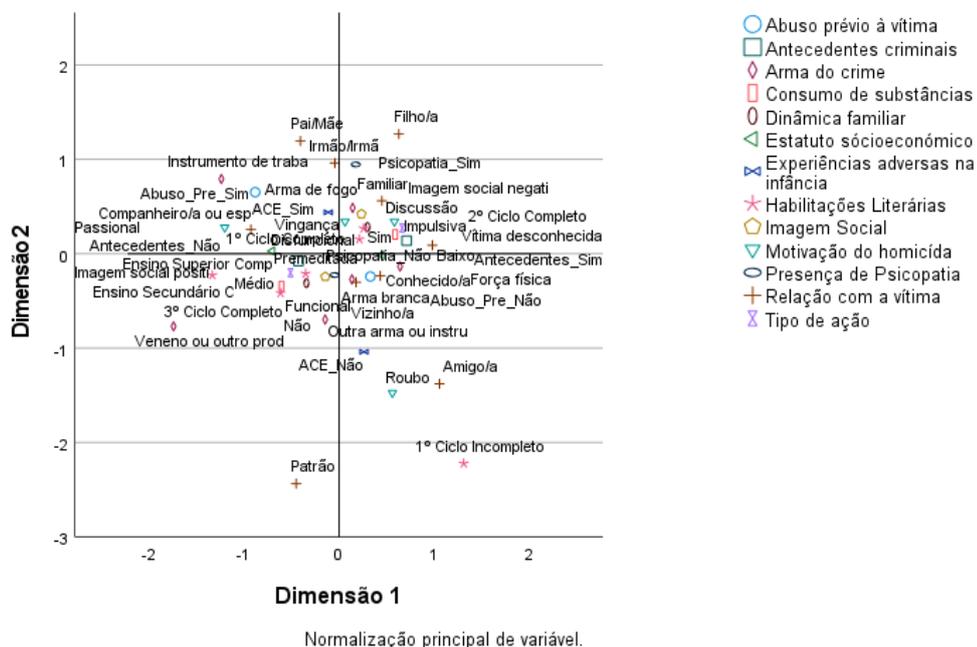
Não obstante ao facto de as vítimas serem na sua maioria (56.9%) homens, os participantes cometeram o crime contra a parceira íntima (35.3%), conhecidos (25.5%) e desconhecidos (17.6%), aos quais, em 27.5% dos casos, o participante foi responsável por perpetrar algum tipo abuso prévio (Cf. Tabela 7, anexo a).

### **Identificação dos perfis criminais dos homicidas**

13 variáveis foram consideradas na análise de correspondência múltipla (ACM) bidimensional: i) antecedentes criminais; ii) presença de psicopatia; iii) consumo de substâncias; iv) motivação do homicida; v) dinâmica familiar; vi) experiências adversas na infância; vii) imagem social; viii) relação com a vítima; ix) tipo de ação; x) arma do crime; xi) estatuto socioeconómico; xii) abuso prévio à vítima e xiii) habilitações literárias. O ajuste global do modelo da ACM foi aceitável, representando 45% da inércia (variância) total. O gráfico da ACM (Cf. Gráfico 1) mostra a representação das categorias das variáveis no espaço em análise. No gráfico, as categorias mais próximas entre si têm maior correspondência, o que significa que a relação multivariada entre os valores mais próximos é maior do que a relação entre os valores mais distantes. A dimensão 1 foi responsável por 26% da variância (inércia=0.26) e a dimensão 2 por 19% (inércia=0.19), ambas com *alfas* de *Cronbach* superiores a 0.5 (Cf. Tabela 8, anexo a).

### Gráfico 1

Gráfico de conjunto de pontos de categoria

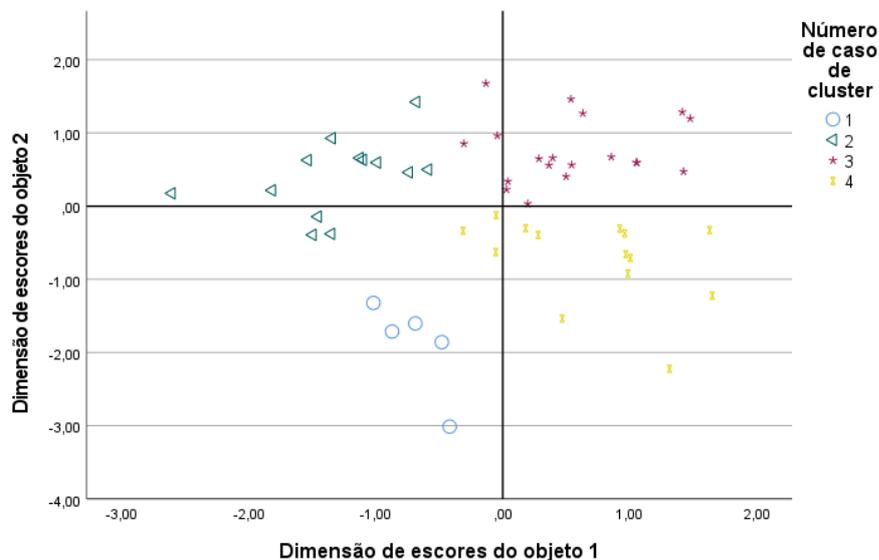


Uma vez que o objetivo desta análise é elaborar perfis dos homicidas portugueses, ou seja, explorar a relação entre todas as variáveis categóricas e identificar padrões e tendências, optou-se por manter todas as categorias em análise. Através da ACM é possível fazer uma caracterização dos quadrantes, que nos indica que cada um deles será um perfil distinto.

Para perceber se os quatro perfis indicados pela ACM eram viáveis, procedeu-se à realização de análises de *clusters*, sendo conduzida primeiramente uma análise de *clusters* hierárquica, seguida de uma análise de *clusters* não hierárquica (*k-means clusters*). A análise de *clusters* hierárquica produziu uma solução com quatro *clusters*, tendo por base os coeficientes de fusão (Cf. Tabelas 9 e 10, anexo a), uma vez que se verificaram declives acentuados até à solução de *clusters* encontrada (Cf. Gráficos 1 e 2, anexo a). Através do método de agrupamento não hierárquico, destacou-se que o primeiro *cluster* tem uma representação inferior na amostra, o que poderá significar que este é o grupo com as características mais dissemelhantes (Cf. Gráfico 2). A distribuição dos participantes por *clusters* está representada na Tabela 3.

## Gráfico 2

Disposição dos indivíduos de acordo com o seu perfil



## Tabela 3

Distribuição por cluster

	N (%)
Cluster 1	5 (9.80%)
Cluster 2	13 (25.49%)
Cluster 3	19 (37.25%)
Cluster 4	14 (27.45%)

De seguida, fez-se corresponder cada um dos *clusters* a cada um dos quatro perfis configurados pelo plano da ACM (Cf. Tabela 11, anexo a). Deste modo, obteve-se a correspondência *clusters*/perfis apresentada na Tabela 4. A fim da validação da consistência desta classificação, foi feita uma projeção dos quatro clusters no plano da ACM, em que se verifica que a posição de cada cluster é próxima das categorias que caracterizam os respetivos perfis (Cf. Gráfico 3, anexo a).

**Tabela 4**

Perfis dos homicidas portugueses

<b>Perfil</b>	<b>Características</b>	<b>Perfil</b>	<b>Características</b>
<b>Ganancioso</b>	Sem antecedentes criminais Sem traços de psicopatia Sem historial de consumos Escolaridade: 3º ciclo ou ensino secundário Imagem social positiva Dinâmica familiar funcional Motivação do crime: roubo Ação premeditada Vítima: patrão Arma do crime: outras armas	<b>Passional</b>	Sem antecedentes criminais Escolaridade: 2º ciclo ou 3º ciclo Imagem social positiva Nível socioeconómico médio Presença de experiências adversas na infância Motivação do crime: passional Ação premeditada Vítima: parceira íntima Perpetrou abuso prévio à vítima Arma do crime: instrumento de trabalho, veneno ou arma de fogo
<b>Psicopata</b>	Antecedentes criminais Traços de psicopatia Historial de consumos Escolaridade: 1º ou 2º ciclo Imagem social negativa Dinâmica familiar disfuncional Motivação do crime: conflito ou vingança Ação impulsiva Vítima: desconhecidos, conhecidos, familiares afastados Não perpetrou abuso prévio à vítima Arma do crime: arma de fogo	<b>Instrumental</b>	Antecedentes criminais Sem traços de psicopatia Historial de consumos Escolaridade: 1º ciclo incompleto Nível socioeconómico baixo Ausência de experiências adversas na infância Motivação do crime: roubo Vítima: vizinhos, conhecidos ou amigos Não perpetrou abuso prévio à vítima Arma do crime: arma branca ou força física

### Discussão

Este estudo teve como objetivo analisar os fatores associados aos perpetradores de crime de homicídio e homicídio qualificado em Portugal, bem como elaborar perfis psicossociais dos mesmos.

A literatura em torno do crime de homicídio abrange uma variedade de áreas de pesquisa que englobam a identificação de fatores de risco (Botelho & Gonçalves, 2016) e de perfis criminais (Pecino-Latorre et al., 2019; Salfati, 2000). Devido à divisão dos estudos de acordo com o tipo de homicídio praticado, a investigação sobre este crime como um todo torna-se limitada, apresentando, por vezes, contradições. Em Portugal, as pesquisas sobre o homicídio ainda se encontram escassas, o que resulta numa lacuna de conhecimento sobre este crime. O nosso estudo constitui, em nosso entender, um importante contributo para esta área, na medida em que não se conhecem investigações recentes em Portugal responsáveis pela análise de fatores adjacentes ao homicídio como um crime geral, nem pela criação de perfis criminais dos homicidas portugueses.

Neste estudo, e no que à carreira criminal concerne, os homicidas portugueses não iniciam o seu percurso criminal precocemente, mas sim na idade adulta, não corroborando a nossa primeira hipótese. A definição de carreira criminal consiste na caracterização de crimes perpetrados pelo mesmo indivíduo, sendo usual a escalada da ofensa criminal (Blumstein et al., 1986, citado por Suonpää, 2021). Ainda que Moffitt (2001) aponte para o início precoce da história criminal de perpetradores de crimes violentos, a sua carreira apenas é contabilizada aquando do primeiro registo no certificado de registo criminal. No entanto, alguns indivíduos podem cometer crimes sem que estes sejam denunciados e, conseqüentemente, registados (Suonpää, 2021), o que pode ter influenciado os resultados no presente estudo. Outra explicação para esta diferença - lembrando que neste estudo existe uma percentagem relevante de homicídios em relações de intimidade (35.3%) - poderá ser que, quando a vítima é uma parceira íntima, a carreira criminal do perpetrador tende a ter um início mais tardio (Eriksson et al., 2019).

Verificou-se a prevalência dos conflitos como uma das principais motivações criminais dos homicidas nesta amostra, o que se mostra congruente com estudos anteriores (e.g., Hachtel et al., 2021; Sea et al., 2020; Skott et al., 2021). Esperava-se que a principal motivação fosse passional, devido à percentagem de vítimas mortas pelos parceiros íntimos em Portugal. No entanto, os conflitos são, ainda que não tão prevalentes, uma das principais causas dos homicídios em relações de intimidade (Adhia et al., 2019; Rye & Angel, 2019; Toprak & Ersoy, 2017). Uma vez que vítimas conhecidas são também representativas desta amostra (25.5%), a perturbação de intoxicação pelo álcool poderá ter representado um papel importante na motivação do crime. Quando o homicídio envolve pessoas que se conhecem, mas não têm nenhum tipo de relação, existe uma tendência para que o perpetrador tenha consumido álcool previamente ao crime (Cuşmir & Chirvasiu, 2021). Geralmente, o uso problemático do álcool está associado à impulsividade (Eriksson et al., 2021), potenciando a escalada do conflito, culminando num homicídio (Polk, 1994, citado por McKinley, 2017).

Ainda que a psicopatia seja usualmente associada ao crime de homicídio (e.g., Fox & DeLisi, 2019), neste estudo, a presença de traços psicopáticos foi registada em 19.6% da amostra. A percentagem de reincidência na amostra no crime em geral (27.5%) poderá explicar estes resultados. Segundo Međedović e Vujičić (2022), os homicidas geralmente apresentam baixos índices de reincidência. No entanto, é importante destacar que é a alta taxa de reincidência que está frequentemente associada à psicopatia (Cunha & Gonçalves, 2022; Međedović & Vujičić, 2022). Para além disso, os perpetradores deste crime, em comparação com indivíduos reincidentes de outras tipologias criminais, não cotam significativamente na psicopatia (Sherretts et al., 2017). A baixa prevalência da psicopatia

nesta amostra, comparada ao estudo de Fox e DeLisi (2019), pode ser resultado da utilização do SRP-SF (Seara-Cardoso et al., 2019) ao invés da *Psychopathy Checklist-Revised* [PCL-R] (Hare, 2003), dado que altos níveis de psicopatia têm sido encontrados em estudos em que predomina esse instrumento (Mededović & Vujičić, 2022).

No presente estudo, verifica-se a prevalência de histórias de abuso físico, abuso emocional, abuso de substâncias no ambiente familiar, exposição a violência doméstica e negligência emocional. O abuso físico (Debowska et al., 2018; Fox et al., 2015; Miley et al., 2020) e o abuso emocional (Bonner et al., 2020; Debowska et al., 2018) estão bastante presentes nas experiências adversas vividas na infância de perpetradores de crimes violentos, nomeadamente de homicídio. Ademais, ambientes familiares problemáticos, constituídos, entre outros, pelo abuso de substâncias no ambiente familiar e exposição a violência doméstica, têm sido associados a este crime (Bonner et al., 2020; Fox et al., 2015). A exposição a experiências adversas na infância impede o desenvolvimento normativo do indivíduo, levando a que o mesmo utilize métodos antissociais para expressar as suas necessidades (Chan, 2015). Crianças que experienciam violência tendem a desenvolver processos de aprendizagem desviantes, o que pode levar à internalização de crenças que legitimem comportamentos agressivos (Huesmann & Kirwil, 2007). A falta de vínculos com os seus cuidadores desencadeia uma maior dificuldade em regular as emoções, utilizando a agressividade como um mecanismo de *coping* (Nowakowski-Sims & Rowe, 2017).

Por fim, corroborando a nossa hipótese, os níveis de escolaridade mais prevalentes neste estudo são baixos. Estes resultados são consistentes com investigações prévias que alertam para os níveis baixos de escolaridade nos perpetradores de homicídio (e.g., Gillespie et al., 2018; Matias et al., 2020). Ainda que sejam escassos os estudos que relacionem a educação com o homicídio, é importante destacar a sua associação negativa (Furqan & Mahmood, 2020; Wanzinack et al., 2018).

A identificação de perfis criminais dos homicidas portugueses constituiu um outro objetivo do presente estudo, tendo sido elaborados quatro perfis: i) ganancioso, ii) passional, iii) psicopata e iv) instrumental.

O primeiro perfil - ganancioso - incorpora indivíduos com conduta pró-social, nível de escolaridade médio e que apresentam uma dinâmica familiar funcional. Uma vez que este perfil é o que tem uma representação menor na amostra (e talvez não representativo), torna-se o perfil mais distinto dos restantes. Quando a motivação para os homicídios no local de trabalho é o roubo, a vítima tende a não estar associada à empresa nem ao perpetrador (Doucette et al., 2019; Khelil et al., 2019), tornando os nossos resultados incongruentes com estudos prévios. Uma vez que a literatura sobre este tipo de

homicídios é escassa, a prevalência das motivações do homicídio no local de trabalho é bastante divergente. Se, por um lado, Gurka et al. (2009) defende que cerca de 60% dos homicídios no local de trabalho são motivados pelo roubo, estudos recentes (e.g., Doucette et al., 2019; Khelil et al., 2019) estabelecem uma ligação entre este crime e conflitos interpessoais. Devido à imprevisibilidade do homicídio, as armas mais utilizadas são as que se encontram no próprio local, o que também se verifica neste estudo (Khelil et al., 2019).

Os homicidas do segundo perfil – passional - ainda que com algumas diferenças, são os que mais se assemelham aos perpetradores dos homicídios expressivos (Block & Block, 1991; Block & Zimring, 1973) relativamente à arma do crime e à relação com a vítima. Estes indivíduos cometem crimes contra a parceira íntima e recorrem ao uso de instrumentos de trabalho (Zara & Gino, 2018). Na nossa amostra, no entanto, também é usual a utilização de armas de fogo (Carmichael et al., 2018; Zara & Gino, 2018). Este tipo de crime é impulsionado pelos ciúmes, medo de separação e necessidade de controlo (Buss, 2018; Carlsson et al., 2021; Enander et al., 2021; Spencer & Stith, 2020). Ademais, os perpetradores apresentam níveis de escolaridade médios e/ou baixos (Matias et al., 2020; Matias et al., 2021). A existência de abuso na relação constitui um preditor para o homicídio nas relações de intimidade (Matias et al., 2020; Vatnar et al., 2017; Zara & Gino, 2018), o que se torna, na maior parte dos casos, o único indicador da prática de atos antissociais prévios ao crime (Eriksson et al., 2022). Considerando que a violência perpetrada nem sempre é denunciada pela vítima, estes indivíduos são menos prováveis de terem antecedentes criminais (Caman et al., 2017; Eriksson et al., 2022). Em concordância com o estudo de Cunha e Gonçalves (2019), neste perfil os homicidas agem com intenção de matar. Embora no presente estudo este grupo apresente experiências adversas na infância, é algo não consensual noutras investigações. Se por um lado, Eriksson et al. (2022) apontam para a sua existência, Cunha e Gonçalves (2019) negam a sua propensão nestes homicidas.

O perfil intitulado “psicopata” agrega indivíduos com traços de psicopatia. De acordo com estudos prévios (e.g., Međedović & Vujičić, 2022), estes indivíduos têm tendência a ter antecedentes criminais, bem como historial de consumo de substâncias (Sellbom et al., 2017). Como mencionado anteriormente, os conflitos entre indivíduos conhecidos e desconhecidos - que acabam por ser as vítimas mais prevalentes de indivíduos com traços de psicopatia (Pajević et al., 2017) - podem ser impulsionadas pelo álcool (Minero et al., 2018) e pela impulsividade que daí advém (Eriksson et al., 2021). Ademais, é ainda possível verificar uma ligação entre a impulsividade e a reincidência criminal (Martin et al., 2019). A psicopatia está negativamente associada aos níveis de escolaridade, ou seja, níveis mais altos de psicopatia estão acompanhados de níveis de educação inferiores (Žukauskienė et al., 2010).

Relativamente à arma utilizada, os nossos resultados são discrepantes de estudos prévios, dado que os últimos apontam a preferência pela utilização de armas brancas (Carabellese et al., 2020; Pajevic et al., 2017). Ainda que os indivíduos responsáveis pelos homicídios organizados (Douglas et al., 1986) também apresentem traços de psicopatia e perpetrem o crime contra vítimas desconhecidas, no presente estudo não se verificou a premeditação, nem a imagem social positiva, característicos desse grupo.

Do último perfil elaborado – instrumental - fazem parte os indivíduos sem traços de psicopatia, mas com antecedentes criminais e historial de consumos. O abuso frequente de substâncias tem sido associado à reincidência criminal (Eriksson et al., 2021; Sturup & Lindqvist, 2014) e a níveis de escolaridade mais baixos (Eriksson et al., 2021; Hohl et al., 2017), que predominam neste grupo. Adicionalmente, ter um estatuto socioeconómico inferior pode estar relacionado com o fraco desempenho e abandono escolar (Ruiz et al., 2018; Wanzinack et al., 2018). Os nossos resultados indicam que as armas brancas, bem como a força física são utilizadas em homicídios na sequência de um roubo, que se verifica congruente com os homicídios instrumentais elaborados por Block e Zimring (1973). O perpetrador ataca a vítima manualmente, podendo adicionalmente fazer uso de armas que encontra no local (Salfati, 2000). Contrariamente, Meneses-Reyes e Quintana-Navarrete (2021) identificaram as armas de fogo como as mais utilizadas neste tipo de crime. Apesar da tendência para que não haja qualquer relação com a vítima (Pecino-Latorre et al., 2019), o perpetrador do homicídio poderá estar familiarizado com a mesma (Salfati, 2000).

É importante ressaltar que este estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas para uma melhor contextualização dos seus resultados e implicações. Em primeiro lugar, destacamos o número reduzido de participantes, a preponderância do género masculino e a recolha de dados apenas no norte do país, o que impede a generalização dos resultados para a totalidade dos casos nacionais. Para além disso, existem dados nos processos jurídico-penais aos quais não foi possível o acesso, o que limitou a compreensão abrangente do contexto legal e das circunstâncias específicas dos casos analisados. O uso de questionários de autorrelato apresenta, por si só, algumas limitações. Um potencial enviesamento de respostas por parte dos participantes, devido à influência da agradabilidade social ou possíveis vieses de memória, pode comprometer a validade e a confiabilidade dos dados. Estudos futuros devem incluir na sua amostra participantes do sexo feminino, para promover o conhecimento neste domínio, assim como contemplar participantes de outras zonas do país de forma a garantir a generalização dos resultados. De igual modo, sugere-se a utilização de entrevistas semiestruturadas ao invés de medidas de autorrelato, considerando a sua objetividade e permitindo uma compreensão mais abrangente das variáveis em estudo. Além disso, recomenda-se que estudos futuros

adotem abordagens longitudinais para um conhecimento mais aprofundado da complexidade dos fenómenos e da interação entre eles.

Considerando o homicídio um dos crimes com maior impacto, a compreensão abrangente desse fenómeno, e dos fatores a ele associados, é fundamental para sustentar o desenvolvimento de políticas públicas de prevenção eficazes, bem como de possíveis programas de intervenção para promover a reabilitação dos perpetradores. A identificação de fatores de risco e a elaboração de perfis criminais permitirá intervir precocemente com os indivíduos, informar sobre o risco de reincidência e promover a consciencialização social para combater os crimes violentos.

## Referências

- Adhia, A., Kernic, M. A., Hemenway, D., Vavilala, M. S., & Rivara, F. P. (2019). Intimate partner homicide of adolescents. *JAMA pediatrics*, 173(6), 571-577.  
<https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2019.0621>
- Alavijeh, M., Mostafavi, F., Ahmadpanah, M., Karami Matin, B., Amoei, M. R., & Jalilian, F. (2015). Murder and motivation: a qualitative study. *Avicenna Journal of Neuro Psycho Physiology*, 2(2), 31-34. <https://doi.org/10.17795/ajnpp-27838>
- Azeredo, A., Moreira, D., Figueiredo, P., & Barbosa, F. (2019). Delinquent behavior: Systematic review of genetic and environmental risk factors. *Clinical child and family psychology review*, 22, 502-526. <https://doi.org/10.1007/s10567-019-00298-w>
- Baird, A., Webb, R. T., Hunt, I. M., Appleby, L., & Shaw, J. (2020). Homicide by men diagnosed with schizophrenia: national case-control study. *BJPsych open*, 6(6).  
<https://doi.org/10.1192/bjo.2020.129>
- Basto-Pereira, M., Miranda, A., Ribeiro, S., & Maia, Â. (2016). Growing up with adversity: From juvenile justice involvement to criminal persistence and psychosocial problems in young adulthood. *Child abuse & neglect*, 62, 63-75. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2016.10.011>
- Beauregard, E., & Proulx, J. (2002). Profiles in the offending process of nonserial sexual murderers. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 46(4), 386-399.
- Bevilacqua, L., Doly, S., Kaprio, J., Yuan, Q., Tikkanen, R., Paunio, T., Zhou, Z., Wedenoja, J., Maroteaux, L., Diaz, S., Belmer, A., Hodgkinson, C. A., Dell'Osso, L., Suvisaari, J., Coccaro, E., Rose, R. J., Peltonen, L., Virkkunen, M., & Goldman, D. (2010). A population-specific HTR2B stop codon predisposes to severe impulsivity. *Nature*, 468(7327), 1061-1066.  
<https://doi.org/10.1038/nature09629>
- Block, C. R., & Block, R. (1991). Beginning with Wolfgang: An agenda for homicide research. *Journal of Crime and Justice*, 14(2), 31-70. <https://doi.org/10.1080/0735648X.1991.9721438>
- Block, R., & Zimring, F. E. (1973). Homicide in Chicago, 1965-1970. *Journal of Research in Crime and*

- Delinquency, 10(1), 1-12. <https://doi.org/10.1177/002242787301000101>
- Bonner, T., DeLisi, M., Jones-Johnson, G., Caudill, J. W., & Trulson, C. (2020). Chaotic homes, adverse childhood experiences, and serious delinquency: Differential effects by race and ethnicity. *Justice Quarterly*, 37(4), 697-714. <https://doi.org/10.1080/07418825.2019.1688852>
- Botelho, M., & Gonçalves, R. A. (2016). Why do people kill? A critical review of the literature on factors associated with homicide. *Aggression and violent behavior*, 26, 9-15. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.11.001>
- Bourget, D., Gagné, P., & Labelle, A. (2017). Intrafamilial homicide: A descriptive study of fratricide in Quebec. *European Psychiatry*, 41(S1). <https://doi.org/10.1016/j.eurpsy.2017.01.2006>
- Buss, D. M. (2018). Sexual and emotional infidelity: Evolved gender differences in jealousy prove robust and replicable. *Perspectives on Psychological Science*, 13(2), 155-160. <https://doi.org/10.1177/1745691617698225>
- Cabrita, D. (2012). Métodos multivariados para variáveis qualitativas: aplicação ao estudo de variáveis associadas com a avaliação na disciplina de Matemática de uma escola do Ensino Básico no Concelho de Vila Nova de Gaia [Master's thesis, Universidade Aberta]. Repositório Aberto. <http://hdl.handle.net/10400.2/2569>
- Camán, S., Howner, K., Kristiansson, M., & Sturup, J. (2016). Differentiating male and female intimate partner homicide perpetrators: A study of social, criminological and clinical factors. *International Journal of Forensic Mental Health*, 15(1), 26-34. <https://doi.org/10.1080/14999013.2015.1134723>
- Camán, S., Kristiansson, M., Granath, S., & Sturup, J. (2017). Trends in rates and characteristics of intimate partner homicides between 1990 and 2013. *Journal of Criminal Justice*, 49, 14-21. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2017.01.002>
- Carabellese, F., Felthous, A. R., Mandarelli, G., Montalbò, D., La Tegola, D., Parmigiani, G., Rossetto, I., Franconi, F., Ferretti, F., Carabellese, F., & Catanesi, R. (2020). Women and men who committed murder: Male/female psychopathic homicides. *Journal of forensic sciences*, 65(5), 1619-1626. <https://doi.org/10.1111/1556-4029.14450>

O perfil criminal do homicida português: caracterização psicossocial

Carlsson, L., Lysell, H., Enander, V., Örmon, K., Lövestad, S., & Krantz, G. (2021). Socio-demographic and psychosocial characteristics of male and female perpetrators in intimate partner homicide: A case-control study from Region Västra Götaland, Sweden. *Plos one*, 16(8).

<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0256064>

Carmichael, H., Jamison, E., Bol, K. A., McIntyre Jr, R., & Velopulos, C. G. (2018). Premeditated versus “passionate”: patterns of homicide related to intimate partner violence. *Journal of surgical research*, 230, 87-93. <https://doi.org/10.1016/j.jss.2018.04.050>

Carvalho, H. (2017). Análise multivariada de dados qualitativos-utilização da ACM com o SPSS.

Chan, O. (2015). *Understanding sexual homicide offenders: An integrated approach*. Springer.

Coccia, M. (2017). A Theory of general causes of violent crime: Homicides, income inequality and deficiencies of the heat hypothesis and of the model of CLASH. *Aggression and Violent Behavior*, 37, 190-200. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2017.10.005>

Coccia, M. (2018). Economic inequality can generate unhappiness that leads to violent crime in society. *Int. J. Happiness and Development*, 4(1), 1-24.

<https://doi.org/10.1504/IJHD.2018.090488>

Cunha, O. S., & Gonçalves, R. A. (2019). Predictors of intimate partner homicide in a sample of Portuguese male domestic offenders. *Journal of Interpersonal Violence*, 34(12), 2573-2598.

<https://doi.org/10.1177/0886260516662304>

Cunha, O., Pinheiro, M., & Gonçalves, R. A. (2022). Intimate partner violence, psychopathy, and recidivism: Do psychopathic traits differentiate first-time offenders from repeated offenders?. *Victims & Offenders*, 17(2), 199-218.

<https://doi.org/10.1080/15564886.2021.1885545>

Cuşmir, A. A., & Chirvasiu, C. (2021). Particularities Of Victim-Offender Relationship In Homicides Committed By Males Against Males, 137-153.

de Sá, R., & Freire, D. (2021). A aplicabilidade da técnica de criminal profiling no processamento de crimes contra a dignidade sexual. *Revista Jurídica Facesf*, 3(2), 22–37.

Debowska, A., Boduszek, D., & Willmott, D. (2018). Psychosocial correlates of attitudes toward male

## O perfil criminal do homicida português: caracterização psicossocial

sexual violence in a sample of financial crime, property crime, general violent, and homicide offenders. *Sexual Abuse*, 30(6), 705-727.

Doucette, M. L., Bulzacchelli, M. T., Frattaroli, S., & Crifasi, C. K. (2019). Workplace homicides committed by firearm: recent trends and narrative text analysis. *Injury epidemiology*, 6, 1-9. <https://doi.org/10.1186/s40621-019-0184-0>

Douglas, J. E., Ressler, R. K., Burgess, A. W., & Hartman, C. R. (1986). Criminal profiling from crime scene analysis. *Behavioral Sciences & the Law*, 4(4), 401-421. <https://doi.org/10.1002/bsl.2370040405>

Durand, E., Chevignard, M., Ruet, A., Dereix, A., Jourdan, C., & Pradat-Diehl, P. (2017). History of traumatic brain injury in prison populations: A systematic review. *Annals of physical and rehabilitation medicine*, 60(2), 95-101. <https://doi.org/10.1016/j.rehab.2017.02.003>

Enander, V., Krantz, G., Lysell, H., & Örmon, K. (2021). Before the killing: intimate partner homicides in a process perspective, Part I. *Journal of gender-based violence*, 5(1), 59-74. <https://doi.org/10.1332/239868020X15922355479497>

Eriksson, L., Bryant, S., McPhedran, S., Mazerolle, P., & Wortley, R. (2021). Alcohol and drug problems among Australian homicide offenders. *Addiction*, 116(3), 618-631. <https://doi.org/10.1111/add.15169>

Eriksson, L., Mazerolle, P., Wortley, R., Johnson, H., & McPhedran, S. (2019). The offending histories of homicide offenders: Are men who kill intimate partners distinct from men who kill other men? *Psychology of Violence*, 9(4), 471–480. <https://doi.org/10.1037/vio0000214>

Eriksson, L., McPhedran, S., Mazerolle, P., & Wortley, R. (2022). Gendered Entitlement or Generally Violent? Sociodemographic, Developmental, and Gender-Based Attitudinal Characteristics of Men Who Commit Homicide. *Homicide Studies*, 0(0). <https://doi.org/10.1177/10887679221079801>

Fazel, S., Gulati, G., Linsell, L., Geddes, J. R., & Grann, M. (2009). Schizophrenia and violence: systematic review and meta-analysis. *PLoS medicine*, 6(8), e1000120. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000120>

Flynn, S., Ibrahim, S., Kapur, N., Appleby, L., & Shaw, J. (2021). Mental disorder in people convicted of

- homicide: long-term national trends in rates and court outcome. *The British Journal of Psychiatry*, 218(4), 210-216. <https://doi.org/10.1192/bjp.2020.94>
- Fox, B. H., Perez, N., Cass, E., Baglivio, M. T., & Epps, N. (2015). Trauma changes everything: Examining the relationship between adverse childhood experiences and serious, violent and chronic juvenile offenders. *Child abuse & neglect*, 46, 163-173. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2015.01.011>
- Fox, B., & DeLisi, M. (2019). Psychopathic killers: A meta-analytic review of the psychopathy-homicide nexus. *Aggression and Violent Behavior*, 44, 67-79. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.11.005>
- Fox, B., & Farrington, D. P. (2018). What have we learned from offender profiling? A systematic review and meta-analysis of 40 years of research. *Psychological Bulletin*, 144(12). <https://doi.org/10.1037/bul0000170>
- Furqan, M., & Mahmood, H. (2020). Does education reduce homicide? A panel data analysis of Asian region. *Quality & Quantity*, 54(4), 1197-1209. <https://doi.org/10.1007/s11135-020-00981-z>
- Ganpat, S. M., van der Leun, J., & Nieuwbeerta, P. (2017). The relationship between a person's criminal history, immediate situational factors, and lethal versus non-lethal events. *Journal of interpersonal violence*, 32(17), 2535-2565. <https://doi.org/10.1177/0886260515593297>
- Gillespie, S. M., Garofalo, C., & Velotti, P. (2018). Emotion regulation, mindfulness, and alexithymia: Specific or general impairments in sexual, violent, and homicide offenders?. *Journal of Criminal Justice*, 58, 56-66. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2018.07.006>
- Glenn, A. L., & Raine, A. (2014). Neurocriminology: implications for the punishment, prediction and prevention of criminal behaviour. *Nature Reviews Neuroscience*, 15(1), 54-63. <https://doi.org/10.1038/nrn3640>
- Goh, K. K., Lu, M. L., & Jou, S. (2021). Childhood trauma and aggression in persons convicted for homicide: an exploratory study examines the role of plasma oxytocin. *Frontiers in psychiatry*, 1402. <https://doi.org/10.3389/fpsyt.2021.719282>
- Golenkov, A., Large, M., Nielssen, O., & Tsymbalova, A. (2022). Forty-year study of rates of homicide by people with schizophrenia and other homicides in the Chuvash Republic of the Russian

- Federation. *BJPsych open*, 8(1). <https://doi.org/10.1192/bjo.2021.1048>
- Goodwill, A. M., Allen, J. C., & Kolarevic, D. (2014). Improvement of thematic classification in offender profiling: Classifying Serbian homicides using multiple correspondence, cluster, and discriminant function analyses. *Journal of Investigative Psychology and Offender Profiling*, 11(3), 221-236. <https://doi.org/10.1002/jip.1416>
- Gurka, K. K., Marshall, S. W., Runyan, C. W., Loomis, D. P., Casteel, C., & Richardson, D. B. (2009). Contrasting robbery-and non-robbery-related workplace homicide: North Carolina, 1994–2003. *American journal of preventive medicine*, 37(1), 17-23. <https://doi.org/10.1016/j.amepre.2009.03.013>
- Hachtel, H., Nixon, M., Bennett, D., Mullen, P., & Ogloff, J. (2021). Motives, offending behavior, and gender differences in murder perpetrators with or without psychosis. *Journal of interpersonal violence*, 36(7-8), 3168-3190. <https://doi.org/10.1177/0886260518774304>
- Håkansson, A., & Jesionowska, V. (2018). Associations between substance use and type of crime in prisoners with substance use problems—a focus on violence and fatal violence. *Substance abuse and rehabilitation*, 1-9.
- Hare, R. D. (1996). Psychopathy: A clinical construct whose time has come. *Criminal justice and behavior*, 23(1), 25-54. <https://doi.org/10.1177/0093854896023001004>
- Hare, R. D. (2003). *Hare psychopathy checklist-revised (PCL-R)* Toronto: Multi-Health Systems.
- Healey, J., & Beauregard, E. (2017). Impulsivity as an etiological factor in sexual homicide. *Journal of Criminal Justice*, 48, 30-36. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2016.12.002>
- Hohl, B. C., Wiley, S., Wiebe, D. J., Culyba, A. J., Drake, R., & Branas, C. C. (2017). Association of drug and alcohol use with adolescent firearm homicide at individual, family, and neighborhood levels. *JAMA internal medicine*, 177(3), 317-324. <https://doi.org/10.1001/jamainternmed.2016.8180>
- Huesmann, L. R., & Kirwil, L. (2007). *Why observing violence increases the risk of violent behavior in the observer*. Cambridge University Press.
- James, J., Higgs, T., & Langevin, S. (2020). *Reactive and proactive aggression in sexual homicide*

- offenders. *Journal of Criminal Justice*, 71. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2020.101728>
- Karakasi, M. V., Vasilikos, E., Voultsov, P., Vlachaki, A., & Pavlidis, P. (2017). Sexual homicide: Brief review of the literature and case report involving rape, genital mutilation and human arson. *Journal of forensic and legal medicine*, 46, 1-10. <https://doi.org/10.1016/j.jflm.2016.12.005>
- Khelil, M. B., Belghith, M., Chraïti, A., Gharbaoui, M., Laadhari, N., & Hamdoun, M. (2019). Workplace homicides in northern Tunisia: a 15-year study (2003–2017). *The American Journal of Forensic Medicine and Pathology*, 40(4), 366-370. <https://doi.org/10.1097/PAF.0000000000000498>
- Kim, B., Gerber, J., Kim, Y., & Hassett, M. R. (2018). Female-perpetrated homicide in South Korea: A homicide typology. *Deviant Behavior*, 39(8), 1042-1057. <https://doi.org/10.1080/01639625.2017.1395671>
- Kolla, N. J., & Bortolato, M. (2020). The role of monoamine oxidase A in the neurobiology of aggressive, antisocial, and violent behavior: a tale of mice and men. *Progress in neurobiology*, 194. <https://doi.org/10.1016/j.pneurobio.2020.101875>
- Kozak, R. S., Gushwa, M., & Cadet, T. J. (2018). Victimization and violence: an exploration of the relationship between child sexual abuse, violence, and delinquency. *Journal of child sexual abuse*, 27(6), 699-717. <https://doi.org/10.1080/10538712.2018.1474412>
- Kuhns, J. B., Exum, M. L., Clodfelter, T. A., & Bottia, M. C. (2014). The prevalence of alcohol-involved homicide offending: a meta-analytic review. *Homicide studies*, 18(3), 251-270. <https://doi.org/10.1177/1088767913493629>
- Lewis, D. O., Moy, E., Jackson, L. D., Aaronson, R., Restifo, N., Serra, S., & Simos, A. (1985). Biopsychosocial characteristics of children who later murder: A prospective study. *The American journal of psychiatry*, 142(10), 1161. <https://doi.org/10.1176/ajp.142.10.1161>
- Lochner, L. (2020). Education and crime. In *The economics of education* (pp. 109-117). Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-815391-8.00009-4>
- Marono, A. J., Reid, S., Yaksic, E., & Keatley, D. A. (2020). A behaviour sequence analysis of serial killers' lives: From childhood abuse to methods of murder. *Psychiatry, psychology and law*, 27(1), 126-137. <https://doi.org/10.1080/13218719.2019.1695517>

- Martin, S., Zabala, C., Del-Monte, J., Graziani, P., Aizpurua, E., Barry, T. J., & Ricarte, J. (2019). Examining the relationships between impulsivity, aggression, and recidivism for prisoners with antisocial personality disorder. *Aggression and Violent Behavior, 49*, 101314. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2019.07.009>
- Matias, A., Goncalves, M., Soeiro, C., & Matos, M. (2020). Intimate partner homicide: A meta-analysis of risk factors. *Aggression and violent behavior, 50*, 101358. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2019.101358>
- Matias, A., Gonçalves, M., Soeiro, C., & Matos, M. (2021). Intimate partner homicide in Portugal: what are the (as) symmetries between men and women?. *European Journal on Criminal Policy and Research, 27*, 471-494. <https://doi.org/10.1007/s10610-020-09469-w>
- McKinley, A. (2017). Homicide in Australia. In W. Petherick & G. Sinnamon (Eds.), *The Psychology of Criminal and Antisocial Behavior* (pp. 385-418). Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-809287-3.00013-4>
- Meaney, M. J. (2001). Nature, nurture, and the disunity of knowledge. *Annals of the New York Academy of Sciences, 935*(1), 50-61. <https://doi.org/10.1111/j.1749-6632.2001.tb03470.x>
- Međedović, J., & Vujičić, N. (2022). How dark is the personality of murderers? Psychopathy, Machiavellianism, and sadism in homicide offenders. *Personality and Individual Differences, 197*. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2022.111772>
- Meneses-Reyes, R., & Quintana-Navarrete, M. (2021). On lethal interactions: differences between expressive and instrumental homicides in Mexico City. *Journal of interpersonal violence, 36*(1-2), 359-383. <https://doi.org/10.1177/0886260517733280>
- Merton, R. K. (1949). Social structure and anomie: revisions and extensions. In R. N. Anshen, *The family: its function and destiny* (pp. 226–257). Harper.
- Miles, C. (2012). Intoxication and homicide: A context-specific approach. *British Journal of Criminology, 52*(5), 870-888. <https://doi.org/10.1093/bjc/azs028>
- Miley, L. N., Fox, B., Muniz, C. N., Perkins, R., & DeLisi, M. (2020). Does childhood victimization predict specific adolescent offending? An analysis of generality versus specificity in the victim-

- offender overlap. *Child Abuse & Neglect*, 101. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2019.104328>
- Minero, V. A., Dickson, H., Barker, E., Flynn, S., Ibrahim, S., & Shaw, J. (2018). The patterns of homicide offence characteristics and their associations with offender psychopathology. *Journal of Investigative Psychology and Offender Profiling*, 15(3), 304-318. <https://doi.org/10.1002/jip.1514>
- Mjanes, K., Beauregard, E., & Martineau, M. (2017). Revisiting the organized/disorganized model of sexual homicide. *Criminal justice and behavior*, 44(12), 1604-1619. <https://doi.org/10.1177/0093854817736554>
- Moffitt, T. (2001). Adolescence-limited and life-course persistent antisocial behavior: A developmental taxonomy. *Life-course criminology: Contemporary and classic readings*, 91-145. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.100.4.674>
- Montalvo-Ortiz, J. L., Zhou, H., D'Andrea, I., Maroteaux, L., Lori, A., Smith, A., Ressler, K., Nuñez, Y., Farrer, L., Zhao, H., Kranzler, H., & Gelernter, J. (2018). Translational studies support a role for serotonin 2B receptor (HTR2B) gene in aggression-related cannabis response. *Molecular psychiatry*, 23(12), 2277-2286. <https://doi.org/10.1038/s41380-018-0077-6>
- Newsome, J., & Cullen, F. T. (2017). The risk-need-responsivity model revisited: Using biosocial criminology to enhance offender rehabilitation. *Criminal Justice and Behavior*, 44(8), 1030-1049. <https://doi.org/10.1177/0093854817715289>
- Nowakowski-Sims, E., & Rowe, A. (2017). The relationship between childhood adversity, attachment, and internalizing behaviors in a diversion program for child-to-mother violence. *Child Abuse & Neglect*, 72, 266-275. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2017.08.015>
- Organização Mundial da Saúde. (2020). Homicide. <https://apps.who.int/violence-info/homicide/>
- Ouellet-Morin, I., Côté, S. M., Vitaro, F., Hebert, M., Carbonneau, R., Lacourse, E., Turecki, G., & Tremblay, R. E. (2016). Effects of the MAOA gene and levels of exposure to violence on antisocial outcomes. *The British Journal of Psychiatry*, 208(1), 42-48. <https://doi.org/10.1192/bjp.bp.114.162081>
- Page, J., Tzani-Pepelasi, K., & Gavin, H. (2022). Characteristics of sexual homicide offenders focusing

## O perfil criminal do homicida português: caracterização psicossocial

on child victims: a review of the literature. *Trauma, Violence, & Abuse*.

<https://doi.org/10.1177/15248380221119511>

Pajevic, M., Batinic, B., & Stevanovic, N. (2017). Subtypes of homicide offenders based on psychopathic traits. *International journal of law and psychiatry*, 55, 45-53.

<https://doi.org/10.1016/j.ijlp.2017.10.007>

Papalia, N., Luebbers, S., & Ogloff, J. R. (2018a). Child sexual abuse and the propensity to engage in criminal behaviour: A critical review and examination of moderating factors. *Aggression and violent behavior*, 43, 71-89. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.10.007>

Papalia, N., Ogloff, J. R., Cutajar, M., & Mullen, P. E. (2018b). Child sexual abuse and criminal offending: Gender-specific effects and the role of abuse characteristics and other adverse outcomes. *Child maltreatment*, 23(4), 399-416. <https://doi.org/10.1177/1077559518785779>

Pechorro, P., Barroso, R., Maroco, J., Vieira, R. X., & Gonçalves, R. A. (2017). Escala de Psicopatia de Hare–Versão Jovens (PCL: YV). *Psicologia forense: Instrumentos de avaliação*, 1(1), 43-54.

Pecino-Latorre, M. D. M., Pérez-Fuentes, M. D. C., & Patró-Hernández, R. M. (2019). Homicide profiles based on crime scene and victim characteristics. *International journal of environmental research and public health*, 16(19). <https://doi.org/10.3390/ijerph16193629>

Pereira, M., & Felipe, A. (2022). *Psicologia criminal e perfilamento criminal*. *Cadernos De Psicologia*, 4(7).

Petherick, W. A., & Turvey, B. E. (2012). *Alternative Methods of Criminal Profiling*. In B. E. Turvey (Ed.), *Criminal Profiling* (4 ed., pp. 67-99). Elsevier.

<https://doi.org/10.1016/B978-0-12-385243-4.00003-4>

Petry, P. D., & Sehnem, S. B. (2018). Traços de psicopatia em detentos que cometeram homicídio doloso. *Pesquisa em Psicologia-anais eletrônicos*, 239-252.

Pizarro, J. M., Holt, K., & Pelletier, K. R. (2019). An examination of the situated transactions of firearm homicides. *Journal of behavioral medicine*, 42, 613-625.

<https://doi.org/10.1007/s10865-019-00050-3>

Roberts, A. R., Zgoba, K. M., & Shahidullah, S. M. (2007). Recidivism among four types of homicide

- offenders: An exploratory analysis of 336 homicide offenders in New Jersey. *Aggression and Violent Behavior*, 12(5), 493-507. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2007.02.012>
- Rogers, M. L., & Pridemore, W. A. (2013). The effect of poverty and social protection on national homicide rates: Direct and moderating effects. *Social Science Research*, 42(3), 584-595. <https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2012.12.005>
- Rowhani-Rahbar, A., Quistberg, D. A., Morgan, E. R., Hajat, A., & Rivara, F. P. (2019). Income inequality and firearm homicide in the US: a county-level cohort study. *Injury prevention*, 25(1).
- Ruiz, L. D., McMahon, S. D., & Jason, L. A. (2018). The role of neighborhood context and school climate in school-level academic achievement. *American journal of community psychology*, 61(3-4), 296-309. <https://doi.org/10.1002/ajcp.12234>
- Rye, S., & Angel, C. (2019). Intimate partner homicide in Denmark 2007–2017: tracking potential predictors of fatal violence. *Cambridge Journal of Evidence-Based Policing*, 3, 37-53. <https://doi.org/10.1007/s41887-019-00032-0>
- Sabri, B., Campbell, J. C., & Messing, J. T. (2018). Intimate partner homicides in the united states, 2003-2013: a comparison of immigrants and nonimmigrant victims. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(9-10), 4735-4757. <https://doi.org/10.1177/0886260518792249>
- Santos, M., Testa, A., & Weiss, D. B. (2018). Where poverty matters: Examining the cross-national relationship between economic deprivation and homicide. *The British Journal of Criminology*, 58(2), 372-393. <https://doi.org/10.1093/bjc/azx013>
- Sanz-García, A., Gesteira, C., Sanz, J., & García-Vera, M. P. (2021). Prevalence of psychopathy in the general adult population: A systematic review and meta-analysis. *Frontiers in Psychology*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.661044>
- Sasaki, J. Y., & Kim, H. S. (2017). Nature, nurture, and their interplay: A review of cultural neuroscience. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 48(1), 4-22. <https://doi.org/10.1177/0022022116680481>
- Sea, J., Beauregard, E., & Youngs, D. (2020). Behavioural profiles and offender characteristics: typology based on the Personality Assessment Inventory (PAI) in homicide cases. *Journal of Investigative*

- Psychology and Offender Profiling, 17(3), 310-331. <https://doi.org/10.1002/jip.1559>
- Seara-Cardoso, A., Queiros, A., Fernandes, E., Coutinho, J., & Neumann, C. (2019). Psychometric properties and construct validity of the short version of the Self-Report Psychopathy Scale in a Southern European sample. *Journal of personality assessment*.  
<https://doi.org/10.1080/00223891.2019.1617297>
- Sellbom, M., Donnelly, K. M., Rock, R. C., Phillips, T. R., & Ben-Porath, Y. S. (2017). Examining gender as moderating the association between psychopathy and substance abuse. *Psychology, Crime & Law*, 23(4), 376-390. <https://doi.org/10.1080/1068316X.2016.1258466>
- Sherretts, N., Boduszek, D., Debowska, A., & Willmott, D. (2017). Comparison of murderers with recidivists and first time incarcerated offenders from US prisons on psychopathy and identity as a criminal: An exploratory analysis. *Journal of Criminal Justice*, 51, 89-92.  
<https://doi.org/10.1016/j.icrimjus.2017.03.002>
- Silva, S., & Maia, A. (2008). Versão Portuguesa do Family ACEQuestionnaire (Questionário de História de Adversidade na Infância). In A. P. Noronha, C. Machado, L. Almeida, M. Gonçalves, S. Martins, & V. Ramalho (Eds.), *Atas da XIII conferência avaliação psicológica: Formas e contextos*. Psiquilibrios Edições: Braga.
- Sistema de Segurança Interna. (2022). Relatório Anual de Segurança Interna 2021.  
<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc23/comunicacao/documento?i=relatorio-anual-de-seguranca-interna-2021>
- Skott, S., Beauregard, E., & Darjee, R. (2021). Sexual and nonsexual homicide in Scotland: Is there a difference?. *Journal of Interpersonal violence*, 36(7-8), 3209-3230.  
<https://doi.org/10.1177/0886260518774303>
- Sonnweber, M., Lau, S., & Kirchebner, J. (2022). Exploring Characteristics of Homicide Offenders With Schizophrenia Spectrum Disorders Via Machine Learning. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 0(0). <https://doi.org/10.1177/0306624X221102799>
- Soria, M. A., Pajon, L., Lopez, M., & Lebron, M. (2016). Expressive partner homicides in Spain: differences according to aggressors sex. *Journal of forensic medicine* (2016), 1(2).  
<https://doi.org/10.4172/2472-1026.1000109>

- Sousa, J. (2022). A Técnica de Profiling Criminal: Uma abordagem Meta-Analítica [Doctoral dissertation, Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna]. Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.26/40843>
- Spencer, C. M., & Stith, S. M. (2020). Risk factors for male perpetration and female victimization of intimate partner homicide: A meta-analysis. *Trauma, Violence, & Abuse*, 21(3), 527-540. <https://doi.org/10.1177/1524838018781101>
- Stefanska, E. B., Carter, A. J., Higgs, T., Bishopp, D., & Beech, A. R. (2015). Offense pathways of non-serial sexual killers. *Journal of Criminal Justice*, 43(2), 99-107. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2015.01.001>
- Stefanska, E. B., Higgs, T., Carter, A. J., & Beech, A. R. (2017). When is a murder a sexual murder? Understanding the sexual element in the classification of sexual killings. *Journal of Criminal Justice*, 50, 53-61. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2017.03.004>
- Stratton, J., Brook, M., & Hanlon, R. E. (2017). Murder and psychosis: Neuropsychological profiles of homicide offenders with schizophrenia. *Criminal Behaviour and Mental Health*, 27(2), 146-161. <https://doi.org/10.1002/cbm.1990>
- Sturup, J., & Lindqvist, P. (2014). Homicide offenders 32 years later—A Swedish population-based study on recidivism. *Criminal Behaviour and Mental Health*, 24(1), 5-17. <https://doi.org/10.1002/cbm.1896>
- Su, P. Y., Han, A. Z., Wang, G. F., Wang, L. H., Zhang, G. B., Xu, N., & Xu, G. (2018). Is childhood maltreatment associated with murderous ideation and behaviors in adolescents in China?. *Psychiatry research*, 270, 467-473. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2018.10.024>
- Suonpää, K. (2021). Pathways to Homicide: Social Disadvantage and Criminal Careers of Lethal and Non-Lethal Violent Offenders. [Doctoral dissertation, University of Helsinki]. <http://hdl.handle.net/10138/335778>
- Suonpää, K., & Savolainen, J. (2019). When a woman kills her man: Gender and victim precipitation in homicide. *Journal of Interpersonal Violence*, 34(11), 2398-2413. <https://doi.org/10.1177/0886260519834987>

O perfil criminal do homicida português: caracterização psicossocial

Tavares, R., Catalan, V. D. B., Romano, P. M. D. M., & Melo, E. M. (2016). Homicídios e vulnerabilidade social. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21, 923-934.

<https://doi.org/10.1590/1413-812320152113.12362015>

Tomas, F., Poste, C., & Demarchi, S. (2021). Post-homicidal behaviors of intrafamilial crime authors in France: An archival study. *European Review of Applied Psychology*, 71(4).

<https://doi.org/10.1016/j.erap.2021.100673>

Toprak, S., & Ersoy, G. (2017). Femicide in Turkey between 2000 and 2010. *PloS one*, 12(8).

<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0182409>

Toprak, S., & Ersoy, G. (2017). Femicide in Turkey between 2000 and 2010. *PloS one*, 12(8).

<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0182409>

United Nations Office on Drugs and Crime. (2020). Global study on homicide.

<https://www.unodc.org/unodc/en/data-and-analysis/global-study-on-homicide.html>

Valente, R. (2015). (Re)contextualizando o homicídio: a perspectiva da criminologia ambiental [Master's thesis, Escola Superior de Saúde Fernando Pessoa]. Repositório Institucional da Universidade

Fernando Pessoa. <http://hdl.handle.net/10284/4953>

Vatnar, S. K. B., Friestad, C., & Bjørkly, S. (2017). Intimate partner homicide in Norway 1990–2012: Identifying risk factors through structured risk assessment, court documents, and interviews with bereaved. *Psychology of Violence*, 7(3), 395–405.

<https://doi.org/10.1037/vio0000100>

Wanzinack, C., Signorelli, M. C., & Reis, C. (2018). Homicides and socio-environmental determinants of health in Brazil: a systematic literature review. *Cadernos de saúde pública*, 34.

Williams, W. H., Chitsabesan, P., Fazel, S., McMillan, T., Hughes, N., Parsonage, M., & Tonks, J. (2018). Traumatic brain injury: a potential cause of violent crime?. *The Lancet Psychiatry*, 5(10),

836-844. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(18\)30062-2](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(18)30062-2)

Zampatti, S., Ragazzo, M., Fabrizio, C., Termine, A., Campoli, G., Caputo, V., Strafella, C., Cascella, R., Caltagirone, C., & Giardina, E. (2021). Genetic variants allegedly linked to antisocial behaviour are equally distributed across different populations. *Journal of Personalized Medicine*, 11(3), 213.

<https://doi.org/10.3390/jpm11030213>

O perfil criminal do homicida português: caracterização psicossocial

Zara, G., & Gino, S. (2018). Intimate partner violence and its escalation into femicide. Frailty thy name is “violence against women”. *Frontiers in psychology*, 9, 1777.

Zhang, J., & Zheng, Y. (2018). Childhood maltreatment profiles among incarcerated Chinese males and their associations with personality disorder symptoms and criminal behaviors. *Psychiatry Research*, 268(June), 272–278. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2018.06.063>

Žukauskienė, R., Laurinavičius, A., & Čėsniėnė, I. (2010). Testing factorial structure and validity of the PCL: SV in Lithuanian prison population. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 32, 363-372. <https://doi.org/10.1007/s10862-009-9176-7>

**Anexo a**

**Tabela 1**

*Consumo de substâncias*

	<b>N (%)</b>
<b>Consumo de álcool</b>	
Não	24 (47.1%)
Sim	18 (35.3%)
<i>Missing</i>	9 (17.6%)
<b>Consumo de drogas</b>	
Não	24 (47.1%)
Sim	15 (29.4%)
<i>Missing</i>	12 (23.5%)

**Tabela 2**

*Acompanhamento psicológico*

	<b>N (%)</b>
<b>Consultas</b>	
Não	27 (52.9%)
Sim	15 (29.4%)
<i>Missing</i>	9 (17.6%)
<b>Medicação</b>	
Não	28 (54.9%)
Sim	14 (27.4%)
<i>Missing</i>	9 (17.6%)

**Tabela 3**

*Família de origem*

	<b>N (%)</b>
<b>Dinâmica familiar</b>	
Disfuncional	27 (52.9%)
Funcional	24 (47.1%)
<b>Problemas familiares</b>	
Pai/mãe falecido	9 (17.6%)
Violência doméstica	2 (3.9%)
Distanciamento afetivo	4 (7.8%)
Severidade parental	5 (9.8%)
Ausência parental	6 (11.8%)
Papel de género	1 (2.0%)
Conflitos parentais	4 (7.8%)
<i>Missing</i>	20 (39.2%)

**Tabela 4**

*Características do perpetrador*

	<b>N (%)</b>
<b>Característica mais manifestada</b>	
Manipulação	5 (9.8%)
Egocentrismo	1 (2.0%)
Instabilidade emocional	7 (13.7%)
Possessividade	7 (13.7%)
Agressividade	9 (17.6%)
Impulsividade	4 (7.8%)
Isolamento social	2 (3.9%)
Pares antissociais	2 (3.9%)
Humor disfórico	1 (2.0%)
<i>Missing</i>	13 (25.5%)

**Tabela 5**

*Imagem social*

	<b>N (%)</b>
<b>Imagem social</b>	
Imagem social positiva	32 (62.7%)
Imagem social negativa	19 (37.3%)

**Tabela 6**

*Características do crime*

	<b>N (%)</b>
<b>Tipo de ação</b>	
Impulsiva	22 (43.1%)
Premeditada	29 (56.9%)
<b>Arma do crime</b>	
Arma de fogo	21 (41.2%)
Arma branca	15 (29.4%)
Instrumento de trabalho	2 (3.9%)
Veneno/produto químico	2 (3.9%)
Força física	3 (5.9%)
Outra arma	8 (15.7%)

**Tabela 7**

*Características da vítima*

	<b>N (%)</b>
<b>Género da vítima</b>	
Feminino	22 (43.1%)
Masculino	29 (56.9%)
<b>Relação com a vítima</b>	
Vítima desconhecida	9 (17.6%)
Vizinho/a	1 (2.0%)
Conhecido/a	13 (25.5%)
Amigo/a	2 (3.9%)
Familiar	2 (3.9%)
Companheiro/a ou marido/esposa	18 (35.3%)
Patrão	2 (3.9%)
Filho/a	1 (2.0%)
Pai/mãe	2 (3.9%)
Irmão/irmã	1 (2.0%)
<b>Abuso prévio à vítima</b>	
Sem abuso prévio	37 (72.5%)
Com abuso prévio	14 (27.5%)

**Tabela 8**

*Sumarização do modelo*

<b>Dimensão</b>	<b>Alfa de Cronbach</b>	<b>Variância contabilizada para</b>	
		<b>Total (autovalor)</b>	<b>Inércia</b>
1	0.76	3.35	0.26
2	0.65	2.49	0.19
Total		5.84	0.45
Média	.712 <sup>a</sup>	2.92	0.22

a. A Média de *Alfa* de *Cronbach* tem como base o autovalor médio.

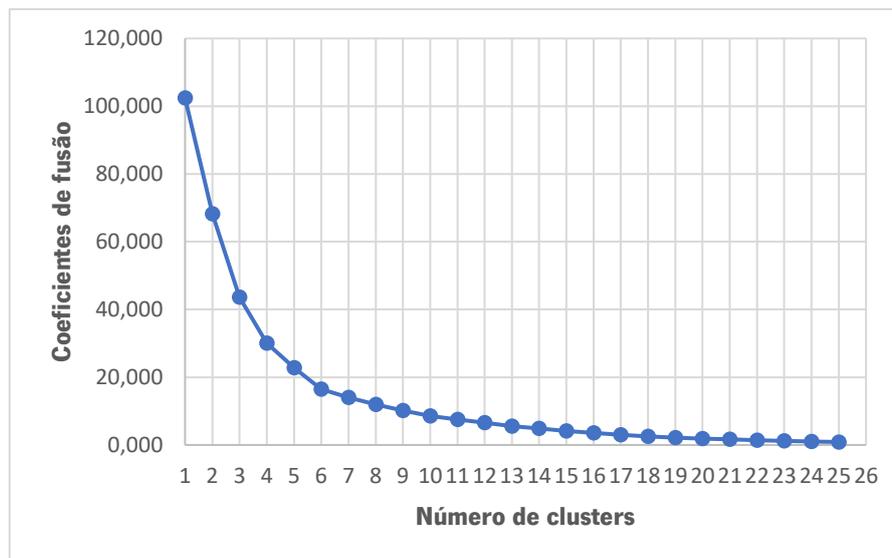
**Tabela 9**

*Coeficientes de fusão (Critério de Ward)*

<b>Estágio</b>	<b>Coeficientes</b>
26	0.88
27	1.06
28	1.25
29	1.44
30	1.65
31	1.86
32	2.18
33	2.58
34	3.00
35	3.57
36	4.16
37	4.85
38	5.59
39	6.54
40	7.52
41	8.55
42	10.18
43	11.99
44	13.99
45	16.47
46	22.79
47	30.08
48	43.57
49	68.19
50	102.39

**Gráfico 1**

*Distribuição dos Coeficientes de Fusão (Critério de Ward)*



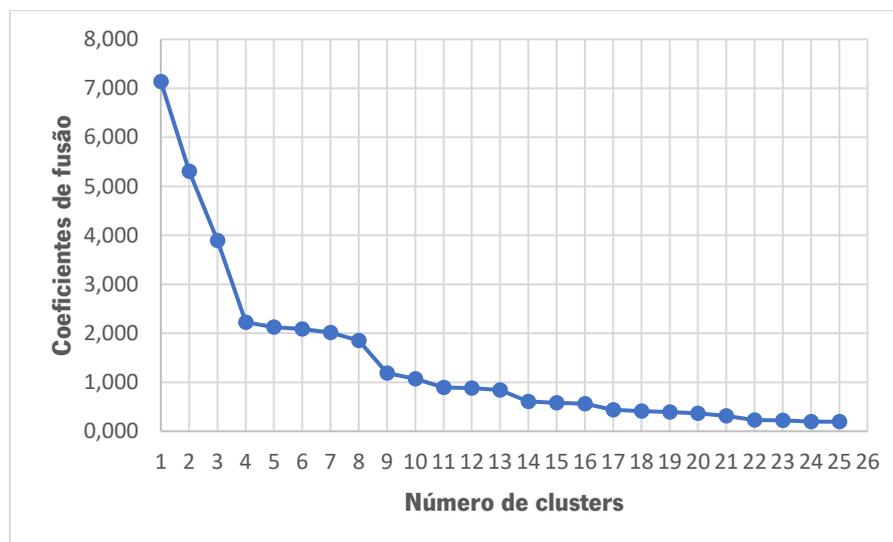
**Tabela 10**

*Coeficientes de fusão (Critério de ligação entre grupos)*

<b>Estágio</b>	<b>Coeficientes</b>
26	0.19
27	0.20
28	0.22
29	0.23
30	0.31
31	0.37
32	0.39
33	0.41
34	0.43
35	0.56
36	0.58
37	0.60
38	0.84
39	0.88
40	0.89
41	1.07
42	1.19
43	1.85
44	2.01
45	2.08
46	2.13
47	2.22
48	3.89
49	5.31
50	7.14

## Gráfico 2

*Distribuição dos Coeficientes de Fusão (Critério de ligação entre grupos)*



## Tabela 11

*Caracterização dos Clusters*

	Número de caso de cluster			
	Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3	Cluster 4
	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)
<b>Antecedentes criminais</b>				
Antecedentes_Não	4 (80.0%)	12 (92.3%)	10 (52.6%)	6 (42.9%)
Antecedentes_Sim	1 (20.0%)	1 (7.7%)	9 (47.4%)	8 (57.1%)
<b>Presença de psicopatia</b>				
Psicopatia_Não	5 (100.0%)	11 (84.6%)	11 (57.9%)	14 (100.0%)
Psicopatia_Sim	0 (0.0%)	2 (15.4%)	8 (42.1%)	0 (0.0%)
<b>Consumo de substâncias</b>				
Não	5 (100.0%)	9 (75.0%)	3 (17.6%)	6 (42.9%)
Sim	0 (0.0%)	3 (25.0%)	14 (82.4%)	8 (57.1%)
<b>Motivação do homicida</b>				
Passional	1 (20.0%)	12 (92.3%)	1 (5.3%)	0 (0.0%)
Roubo	3 (60.0%)	0 (0.0%)	0 (0.0%)	6 (42.9%)
Conflitos	1 (20.0%)	0 (0.0%)	12 (63.2%)	6 (42.9%)
Vingança	0 (0.0%)	1 (7.7%)	6 (31.6%)	2 (14.3%)
<b>Dinâmica familiar</b>				
Disfuncional	1 (20.0%)	6 (46.2%)	14 (73.7%)	6 (42.9%)
Funcional	4 (80.0%)	7 (53.8%)	5 (26.3%)	8 (57.1%)

### Experiências adversas na infância

ACE_Não	4 (80.0%)	1 (7.7%)	0 (0.0%)	10 (71.4%)
ACE_Sim	1 (20.0%)	12 (92.3%)	19 (100.0%)	4 (28.6%)

### Imagem social

Imagem social positiva	5 (100.0%)	9 (69.2%)	9 (47.4%)	9 (64.3%)
Imagem social negativa	0 (0.0%)	4 (30.8%)	10 (52.6%)	5 (35.7%)

### Relação com a vítima

Vítima desconhecida	0 (0.0%)	0 (0.0%)	5 (26.3%)	4 (28.6%)
Vizinho/a	0 (0.0%)	0 (0.0%)	0 (0.0%)	1 (7.1%)
Conhecido/a	2 (40.0%)	0 (0.0%)	6 (31.6%)	5 (35.7%)
Amigo/a	0 (0.0%)	0 (0.0%)	0 (0.0%)	2 (14.3%)
Familiar	0 (0.0%)	0 (0.0%)	2 (10.5%)	0 (0.0%)
Companheiro/a ou esposa/marido	1 (20.0%)	12 (92.3%)	3 (15.8%)	2 (14.3%)
Patrão	2 (40.0%)	0 (0.0%)	0 (0.0%)	0 (0.0%)
Filho/a	0 (0.0%)	0 (0.0%)	1 (5.3%)	0 (0.0%)
Pai/Mãe	0 (0.0%)	1 (7.7%)	1 (5.3%)	0 (0.0%)
Irmão/Irmã	0 (0.0%)	0 (0.0%)	1 (5.3%)	0 (0.0%)

### Tipo de ação

Impulsiva	0 (0.0%)	2 (15.4%)	11 (57.9%)	9 (64.3%)
Premeditada	5 (100.0%)	11 (84.6%)	8 (42.1%)	5 (35.7%)

### Arma do crime

Arma de fogo	0 (0.0%)	6 (46.2%)	11 (57.9%)	4 (28.6%)
Arma branca	2 (40.0%)	2 (15.4%)	5 (26.3%)	6 (42.9%)
Instrumento de trabalho	0 (0.0%)	2 (15.4%)	0 (0.0%)	0 (0.0%)
Veneno ou outro produto químico	1 (20.0%)	1 (7.7%)	0 (0.0%)	0 (0.0%)
Força física	0 (0.0%)	0 (0.0%)	1 (5.3%)	2 (14.3%)
Outra arma ou instrumento	2 (40.0%)	2 (15.4%)	2 (10.5%)	2 (14.3%)

### Estatuto socioeconómico

Baixo	1 (20.0%)	4 (30.8%)	14 (73.7%)	12 (85.7%)
Médio	4 (80.0%)	9 (69.2%)	5 (26.3%)	2 (14.3%)

### Abuso prévio à vítima

Abuso_Pre_Não	5 (100.0%)	4 (30.8%)	15 (78.9%)	13 (92.9%)
Abuso_Pre_Sim	0 (0.0%)	9 (69.2%)	4 (21.1%)	1 (7.1%)

### Habilitações literárias

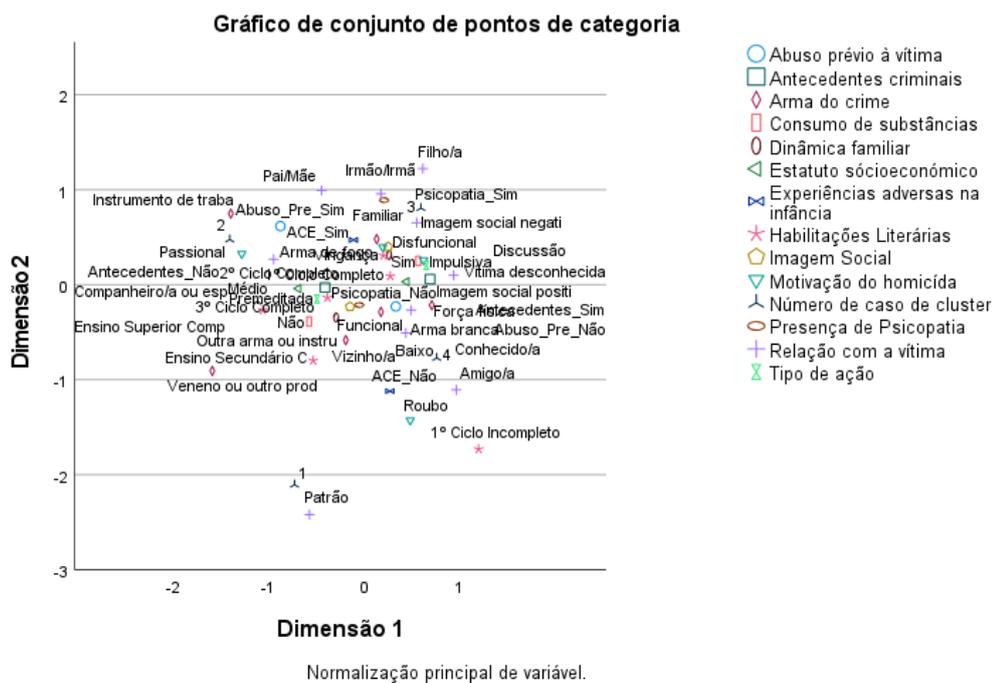
1º Ciclo Incompleto	0 (0.0%)	0 (0.0%)	0 (0.0%)	1 (7.1%)
1º Ciclo Completo	1 (20.0%)	2 (15.4%)	7 (36.8%)	5 (35.7%)
2º Ciclo Completo	0 (0.0%)	5 (38.5%)	7 (36.8%)	5 (35.7%)
3º Ciclo Completo	2 (40.0%)	5 (38.5%)	4 (21.1%)	2 (14.3%)

## O perfil criminal do homicida português: caracterização psicossocial

Ensino Secundário Completo	2 (40.0%)	0 (0.0%)	1 (5.3%)	0 (0.0%)
Ensino Superior Completo	0 (0.0%)	1 (7.7%)	0 (0.0%)	1 (7.1%)

### Gráfico 3

Representação dos clusters no espaço em análise



## **Anexo b: Parecer da Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas**



**Universidade do Minho**

Conselho de Ética

### **Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas**

Identificação do documento: CEICSH 143/2022

Relatores: Emanuel Pedro Viana Barbas Albuquerque e Marlene Alexandra Veloso Matos

Título do projeto: *O perfil criminal do homicida português: caracterização psicossocial*

Equipa de Investigação: Joana Veloso Oliveira (IR), Mestrado em Psicologia da Justiça, Escola de Psicologia da Universidade do Minho; Sónia Caridade e Rui Abrunhosa (Orientadores), Escola de Psicologia, Universidade do Minho

### **PARECER**

A Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) analisou o processo relativo ao projeto de investigação acima identificado, intitulado *O perfil criminal do homicida português: caracterização psicossocial*.

Os documentos apresentados revelam que o projeto obedece aos requisitos exigidos para as boas práticas na investigação com humanos, em conformidade com as normas nacionais e internacionais que regulam a investigação em Ciências Sociais e Humanas.

Face ao exposto, a Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) nada tem a opor à realização do projeto nos termos apresentados no Formulário de Identificação e Caracterização do Projeto, que se anexa, emitindo o seu parecer favorável, que foi aprovado por unanimidade pelos seus membros.

Braga, 29 de dezembro de 2022.

O Presidente da CEICSH

(Acílio Estanqueiro Rocha)